



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
(PPGEAA)

SIMONE CORREIA RIBEIRO

**A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO A PARTIR DO OLHAR DE PESSOAS IDOSAS DO
PROGRAMA GRUPO DE EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE**

Castanhal-PA
2022

SIMONE CORREIA RIBEIRO

**A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO A PARTIR DO OLHAR DE PESSOAS IDOSAS DO
PROGRAMA GRUPO DE EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA) da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)**

- R484e Ribeiro, Simone Correia.
A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO A PARTIR DO OLHAR DE
PESSOAS IDOSAS DO PROGRAMA GRUPO DE
EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE / Simone Correia
Ribeiro. — 2022.
95 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos
Coorientador(a): Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos
Anjos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós- Graduação
em Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2022.
1. Solidão. 2. Pessoa Idosa. 3. GETI. 4. Estudos
Antrópicos. I. Título.

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
POS-GRADUACAO EM ESTUDOS ANTROPICOS NA AMAZONIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 58/2022 - PGEAA (11.13.16)

Nº do Protocolo: 23073.013169/2022-95

Castanhal-PA, 12 de março de 2022.

ATA DA QUINQUAGÉSIMA SEXTA SESSÃO DE DEFESA DE MESTRADO PPGEAA DO (A)
DISCENTE

SIMONE CORREIA RIBEIRO

Aos vinte e um dias do mes de março do ano de dois mil e vinte e dois, as 15:00 horas, via Webconferencia pelo Programa de Pos-Graduacao em Estudos Antropicos na Amazonia - PPGEAA - Campus Universitario de Castanhal (Para), reuniu-se a Banca Examinadora, constituída pelo professor orientador Prof. Dr. Joao Batista Santiago Ramos (Presidente - PPGEAA/UFGA) e pelos professores Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos (Membro Externo/Coorientador - UFGA), Prof. Dr. Carlos Jose Trindade da Rocha (Membro Interno PPGEAA/UFGA), Profa. Dra. Eula Regina Lima Nascimento (Membro Externo - UFGA), para arguir e deferir o trabalho do (a) mestrando (a) Simone Correia Ribeiro, a partir do texto intitulado "A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO A PARTIR DO OLHAR DE PESSOAS IDOSAS DO PROGRAMA GRUPO DE EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE (GETI)" Grande Area Multidisciplinar, Area Interdisciplinar, linha de pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais. Apos a apreciacao a Banca Examinadora considerou APROVADO o trabalho. E, nada mais havendo a tratar, encerrou-se a Sessao e para constar foi lavrada a presente ATA, que segue assinada por todos os membros da Banca Examinadora. Castanhal, 21 de março de 2022.

(Assinado digitalmente em 27/06/2022 14:37)
CARLOS JOSÉ TRINDADE DA ROCHA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR-SUBSTITUTO
CCAST (11.13)
Matrícula: ###525#8

(Assinado digitalmente em 13/03/2022 09:23)
EULA REGINA LIMA NASCIMENTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CCAST (11.13)
Matrícula: ###852#5

(Assinado digitalmente em 05/04/2022 08:45)
FRANCISCO VALDINEI DOS SANTOS ANJOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CCAST (11.13)
Matrícula: ###627#3

(Assinado digitalmente em 14/03/2022 15:54)
JOAO BATISTA SANTIAGO RAMOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CCAST (11.13)
Matrícula: ###836#8

Dedico este estudo à minha filha Ana Carolina; à minha mãe Maria de Lourdes e; ao meu pai (*in memoriam*) Simião Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho indubitavelmente não seria possível sem as infinitas graças advindas de Deus, então a Ele toda a minha gratidão, honra e glória!

Meus sinceros agradecimentos às pessoas que com muito carinho me ajudaram na construção deste trabalho:

Minha Família, nas pessoas de minha mãe Maria de Lourdes, minha filha Ana Carolina, meu pai (*in memoriam*) Simião Gonçalves, por me apoiarem em todas as minhas escolhas;

Professor João Ramos, pela orientação, por sempre acreditar em meu potencial e por ser esse Ser Humano Incrível;

Professor Francisco dos Anjos, pela essencial contribuição e atenção ao meu trabalho;

As pessoas Idosas do GETI/UFPA, pela contribuição fundamental para a realização desta pesquisa;

À Técnica Ildete Falcão, por me apoiar e me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho;

Aos Amigos Riba Chaves, Andreia Ferreira e Gilcimary Oliveira por me proporcionarem momentos de amizade, suporte e calma no decorrer dessa caminhada;

Ao Amigo Paulo Adriel, por acreditar em mim e por me fazer sentir segurança nos momentos de dificuldades;

Ao Amigo Marcos Felipe, pela amizade e pelas contribuições gráficas e estruturais neste estudo;

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, por me possibilitar a realização deste projeto de vida;

Aos Servidores da Universidade Federal do Pará, por fazerem parte dos meus planos de crescimento enquanto pessoa e profissional.

A solidão, mesmo que silenciosa, é sempre um grito, um gesto, uma interpelação que se queda pelo seu próprio eco. A solidão é, pois, um sofrimento sem resposta, mas que espera angustiosamente por ela.

(CARVALHO; BAPTISTA, 2008, p. 33)

RESUMO

Com base nos elementos que contribuem para a ocorrência do fenômeno solidão na pessoa idosa, esta pesquisa propõe uma reflexão acerca da experiência da solidão a partir do olhar de pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI). O estudo tem como objetivo investigar, fundamentados nas várias dimensões de solidão, os elementos sócio/pessoais que causam a experiência de solidão entre pessoas idosas do GETI e, para atingir tal objetivo realizamos um estudo de abordagem qualitativa e a produção de dados foi realizada a partir da aplicação de um roteiro de entrevista previamente estruturado, cujas questões se direcionaram para as seguintes categorias: experiência de vida familiar, rede de relações sociais e sentimento de solidão. Para a análise dos dados produzidos utilizamos o método de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2015) se refere a um agrupamento de técnicas de análise das comunicações. Essa técnica de análise permite ao pesquisador observar as diversas formas de comunicação que o entrevistado emite no ato da entrevista. A pesquisa foi realizada no município de Castanhal, nordeste do Pará, com pessoas idosas do GETI, UFPA, Campus de Castanhal. Os dados foram produzidos entre novembro de 2020 maio de 2021, totalizando 6 (seis) sujeitos entrevistados, sendo 1 (um) homem e 5 (cinco) mulheres acima de 60 anos de idade. A investigação nos revelou que, em virtude do cenário mundial/atual de pandemia ocasionada pela SARS-CoV-2¹, o fenômeno da solidão se faz mais presente e tem se apresentado em sua versão mais nociva na vida da pessoa idosa. Fatores como o distanciamento social, as perdas de entes queridos e familiares, além da ansiedade, têm causado impactos prejudiciais no cotidiano dos idosos. Conclui-se que a construção dos dados evidencia a importância e a possibilidade de se refletir sobre as dimensões do fenômeno solidão na vida da pessoa idosa, bem como sobre a importância das relações afetivo-sociais na rotina desse público, como forma de prestar-lhes apoio junto às mudanças requeridas pelo envelhecimento e, conseqüentemente, auxiliar na vivência de melhor qualidade de vida na velhice. Destaca-se a importância do papel das políticas públicas que regem as leis das pessoas idosas e garantem-lhe seus direitos. É importante, entretanto, evidenciar que a sociedade precisa conhecer e valorizar essas leis e tratar as pessoas idosas como sujeitos ativos e significativos, dignos de desfrutar de seus direitos e viver em segurança. A sociedade, pois, pode proporcionar o avanço das lutas pelos direitos das pessoas idosas, pela dignidade do envelhecimento e pelo cumprimento das leis (BETTINELLI; PORTELLA, 2004).

Palavras-chave: Solidão. Pessoa idosa. GETI. Estudos Antrópicos.

¹ Sigla do inglês que significa coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave cuja doença recebeu a denominação pela Organização Mundial da Saúde(OMS) de COVID-19 (do inglês coronavirus disease 19)

ABSTRACT

Based on the elements that contribute to the occurrence of the phenomenon of loneliness in the elderly, this research proposes a reflection on the experience of loneliness from the perspective of elderly people from the Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI) Program. The study aims to investigate, based on the various dimensions of loneliness, the social/personal elements that cause the experience of loneliness among elderly people at GETI and, to achieve this objective, we carried out a study with a qualitative approach and the production of data was carried out at from the application of a previously structured interview script, whose questions were directed to the following categories: family life experience, network of social relationships and feeling of loneliness. For the analysis of the data produced, we used the content analysis method, which according to Bardin (2015) refers to a grouping of communication analysis techniques. This analysis technique allows the researcher to observe the different forms of communication that the interviewee emits during the interview. The research was carried out in the municipality of Castanhal, northeast of Pará, with elderly people from GETI, UFPA, Campus de Castanhal. The data were produced between November 2020 and May 2021, totaling 6 (six) subjects interviewed, 1 (one) man and 5 (five) women over 60 years of age. The investigation revealed that, due to the global/current pandemic scenario caused by SARS-CoV-2, the phenomenon of loneliness is more present and has presented itself in its most harmful version in the life of the elderly. Factors such as social distancing, the loss of loved ones and family members, in addition to anxiety, have had harmful impacts on the daily lives of the elderly. It is concluded that the construction of the data highlights the importance and the possibility of reflecting on the dimensions of the loneliness phenomenon in the life of the elderly, as well as on the importance of affective-social relationships in the routine of this public, as a way of providing them with support with the changes required by aging and, consequently, help in experiencing a better quality of life in old age. The importance of the role of public policies that govern the laws of the elderly and guarantee their rights is highlighted. It is important, however, to highlight that society needs to know and value these laws and treat the elderly as active and significant subjects, worthy of enjoying their rights and living in safety. Society, therefore, can provide the advancement of struggles for the rights of the elderly, for the dignity of aging and for compliance with the laws (BETTINELLI; PORTELLA, 2004).

Keywords: Loneliness. Elderly. GETI. Anthropic Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura organizacional da pesquisa.....	32
Figura 2 – Sede própria da UFPA - Campus Castanhal em 1994.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População do município de Castanhal-PA, por faixa etária.....	42
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Extrato de variadas definições de solidão	48
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identificação dos sujeitos entrevistados.....	38
Tabela 2 - Núcleo familiar dos sujeitos entrevistados.....	40
Tabela 3 - Renda dos sujeitos entrevistados.....	40
Tabela 4 - Escolarização dos sujeitos entrevistados.....	40

LISTAS DE ABREVIATURAS/SIGLAS

CAEE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP - Conselho de Ética em Pesquisa
CME - Conselho Municipal de Educação
EJAI - Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas
GETI - Grupo de Educação na Terceira Idade
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDIGETI - Inclusão Digital para Pessoas Idosas do Grupo de Educação e Terceira Idade
IECOS - Institutos de Estudos Costeiros
MG - Minas Gerais
OMS - Organização Mundial de Saúde
PA - Pará
PPGEAA - Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia
SARS-CoV-2 - Síndrome respiratória aguda grave
SBBG - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SEMED - Secretaria Municipal de Educação
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPA - Universidade do Estado do Pará
UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

	REMEMORANDO ESPAÇOS DE SOLIDÃO.....	13
	INTRODUÇÃO.....	25
1	REFERENCIAL E PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
1.1	Estrutura Organizacional da pesquisa.....	32
1.2	Abordagem da pesquisa.....	34
1.3	Técnica e Procedimentos de produção e análise de dados.....	34
1.3.1	Das Técnicas.....	34
1.3.2	Dos procedimentos.....	35
1.3.3	Da análise.....	36
1.4	O contexto da pesquisa.....	37
1.5	Descrição dos sujeitos participantes da pesquisa.....	38
2	CONHECENDO UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO AMBIENTE NO QUAL ESTÃO INSERIDOS OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	41
2.1	O município de Castanhal e a questão da pessoa idosa.....	41
2.2	O Campus Universitário da UFPA em Castanhal.....	43
2.3	O Programa Grupo de Educação na Terceira Idade – GETI.....	44
3	ABORDAGENS TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE O FENÔMENO SOLIDÃO.....	47
3.1	Solidão na velhice.....	50
3.2	Redes de relações sociais na velhice.....	53
4	DA EXCURSÃO TEÓRICA AOS ESTILHAÇOS DE FALA DOS SUJEITOS ACERCA DA SOLIDÃO.....	57
4.1	A relação com o envelhecimento: aspectos de aceitação ou negação.....	57
4.2	Cuidado e cuidador: o olhar da pessoa idosa.....	65
4.3	Envelhecimento e relação familiar: pontos de conexão contra a solidão.....	71
4.4	Solidão por definição.....	74
4.5	Solidão por experimentação.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80

REMEMORANDO ESPAÇOS DE SOLIDÃO

Nós, enquanto seres humanos, somos repletos de sensações que, ora nos motivam, ora nos remetem a um estado de angústia e incertezas. Somos seres incompletos que nos deixamos guiar pelos desejos, de modo que, lançamo-nos na estrada da vida sempre em busca do que queremos, mesmo que saibamos que jamais teremos completamente o que desejamos, assim, “a incompleteza do caminho força o continuar a andar ‘infindamente’ o humano” (RAMOS, 2012, p. 13).

Em cada fase de nossas vidas vivenciamos situações diversas que nos moldam conforme nosso contato com o meio em que estamos inseridos, e de acordo com nossas preferências. Bourdieu (1996) afirma que nós seres humanos temos registrado em nós, convicções motivadoras de nossas condutas e representações, assim como, de nossos comportamentos e pensamentos. Dessa forma, entendo que as diferentes maneiras de lidar com os eventos da vida e demonstrar o que se anseia, refletem a particularidade de cada um enquanto ser social.

Rememorar minhas vivências me fizeram experienciar com outro olhar as situações que me formaram enquanto pessoa até os dias de hoje. E confesso que das lembranças que minha memória conseguiu resgatar muitas delas não me transmitiram estímulo para referenciá-las. Entretanto, descrevi aqui algumas escrevivências, por meio das quais, expressei sentimentos, fatos, lutas interiores e embates gerados por forças externas de ordem social, política, cultural e econômica. Tais experiências representaram papéis significativos em minha caminhada e influíram decisivamente em minhas escolhas.

Sou filha de mãe paraense, natural da cidade de Nova Timboteua-PA, e pai capichaba, natural da cidade de Mantena-MG. Nasci no município de Castanhal-PA no ano de 1976, aproximadamente um ano após o nascimento do meu irmão (*in memorian*) Sandro. Faço referência a ele logo no início dos meus relatos, porque todas as lembranças da minha infância me remetem às nossas imagens sempre juntas.

Naquela época não desfrutávamos de muitos recursos, mas me recordo de uma infância feliz, marcada pelo cheiro do mato e dos animais que andavam soltos pelos quintais ensombrados de muitas árvores. A relação ecossistêmica entre nós crianças e a natureza nos permitiu desenvolver nossos sentidos, além de fortalecer a necessidade de cuidar e respeitar o meio ambiente. Cabe aqui destacar que

apenas nascemos, eu e meu irmão, em Castanhal-PA, e fomos criados desde bebês até aos meus 5 anos e 6 anos de meu irmão (essa precisão foi dada pela minha mãe que me ajudou na busca das memórias referentes ao tempo e ao espaço dos acontecimentos) em um terreno de lavoura, chamado popularmente de roça, localizado as margens da rodovia PA – 150, no sudeste do Pará.

Apesar de muito pequena, lembro-me das idas às casas vizinhas por meio das fazendas cheias de gados, igarapés e árvores enormes que acolhiam pessoas e animais nos seus calores e nos seus deleites. Nesse tempo, a pecuária ainda se relacionava com o meio ambiente expressando um grau de respeito aceitável. Íamos (eu e meu irmão) inocentes, sorridentes e acompanhados de nós mesmos pelos caminhos já marcados pelas idas e vindas das pessoas em suas diversas necessidades, ou até mesmo somente pelo prazer de ir ver o outro e ser solidário.

Em meio a esse ambiente aprendemos também nossas primeiras letras com a ajuda da vizinha Sônia (nossa primeira professora) e das embalagens de açúcar e outros mantimentos, os quais eram nossas fontes de leitura naquele momento. Enfatizo que a Senhora Sônia era professora leiga, apaixonada pela arte da leitura, e dedicava parte de seu tempo a educar as crianças da redondeza através do contato com as letras do alfabeto e da contação de histórias.

Lembro-me que após o aprendizado normalmente íamos a uma ponte, onde passava um riacho de água amarelada, talvez suja, mas que não impedia o banho diário e constante da garotada. Era, pois, um tempo de interação profunda com a natureza, marcada pelos banhos de chuva, contemplação das estrelas, da lua e de todo cenário natural que envolvia nossas vidas, crenças e valores.

Bem, nesse cenário, que para nós, enquanto crianças, só existiam felicidades, havia também a solidão e a angústia refletidas no olhar e nos relatos de nossa mãe que expressava aos conhecidos, muitas vezes em nossa presença, seus anseios, preocupações sobre a vida, e aflição quando se tratava das ausências de nosso pai que sempre estava viajando em suas missões de ganhar dinheiro, enquanto madeireiro.

Possivelmente nesse tempo tivemos, mesmo sem saber, o primeiro contato com a ideia de solidão, não a solidão na concepção de isolamento patológico marcada pela angústia e/ou a carência dos afetos, mas a solidão que se apresenta, como atenta Carvalho e Baptista (2008), como modo relativamente oculto. A solidão que perpassa tantas e quantas vezes a vida de jovens, adolescentes e crianças sem

tanta percepção ou impacto. Nessa perspectiva, vivenciávamos a solidão em razão da ausência de nosso pai e, de alguma forma, da nossa mãe que precisava se ocupar com as muitas demandas do lar e com os cuidados com as criações (animais) que eram uma das fontes de nossa subsistência.

Diante dessas primeiras colocações o sentimento solidão apresenta relação direta com ausência. Mas é só isso mesmo? O sentimento de solidão, de acordo com Seibt (2011) nem sempre remete a distanciamento, a vazio ou inexistência de algo, mas pode, sobretudo, significar uma possibilidade de exercício de autonomia, de compreensão de si mesmo, do outro e de tudo que nos rodeia.

Se existe a solidão, existem, pois, modos de lidar com ela e, no nosso caso, enquanto crianças, tínhamos nas brincadeiras e nas amizades com outras crianças esse recurso que combatia, reafirmando os laços afetivos como “arma” contra esse fenômeno.

Em 1982 nos mudamos para Goianésia, sudeste do Pará. Na época tratava-se apenas de um povoado em formação que aparentava um local essencial para a ascensão profissional do nosso pai (madeireiro). Havia muitas indústrias madeireiras (serrarias), aonde íamos constantemente com nosso pai. Por se tratar de um lugar interiorano, ouvíamos muitas histórias de casas assombradas e personagens assustadores que não nos deixavam dormir a noite sem a presença da nossa mãe.

Pinho (2017) enfatiza que as assombrações compõem as narrativas do imaginário do povo nortista e representam a cultura original amazônica, que é movida pela força da floresta e de seus componentes.

Em Goianésia, sem dúvida, vivemos grandes experiências, e essa localidade representou um período de luta e de sonhos por mudança de vida, entretanto, ao atingirmos nossa idade escolar, eu 5 anos e meu irmão 6 anos, nossos pais optaram por nossa ida para Tucuruí, cidade também localizada no sudeste do Pará, na extensão da PA-150, onde passamos boa parte de nossas vidas e onde nos moldamos, mais conscientemente, enquanto pessoas. Em Tucuruí, então, iniciamos nossa caminhada acadêmica e pudemos desfrutar de uma vivência mais sociável, considerando o cenário e as características de vida urbana da década de 1980, período em que ocorreu a expansão do processo de urbanização no Brasil (MONDARDO, 2007).

A construção da Usina Hidrelétrica em Tucuruí, nos anos 1970 e 1980, reuniu povos de todos os estados do Brasil e traduziu a luta, a criatividade e o desafio da

engenharia nacional. Em virtude desse movimento econômico, o município ganhou uma grande infraestrutura, como aeroporto, vilas para abrigar os operários, engenheiros e demais funcionários da obra. Essas vilas eram denominadas Vila Permanente e Vilas Temporárias I e II e eram condomínios fechados que continham água e esgoto tratados, ruas pavimentadas, iluminação de qualidade, supermercados, escolas, creches, clubes, entre outras comodidades.

Esse ambiente dos sonhos, que essas Vilas refletiam, marcou nossa infância e adolescência e nos faziam imaginar um mundo perfeito. Íamos todo final de semana passear nessas vilas e nelas tivemos grandes emoções como, por exemplo, ir pela primeira vez a um cinema, a uma piscina de clube e grandes supermercados. Entretanto, íamos sempre como convidados, pois o nosso pai ainda desempenhava, mesmo que de forma reduzida, suas atividades de madeireiro pelos caminhos incrédulos e traiçoeiros no município Novo Repartimento.

Embora todas essas mudanças de vida nos tenham trazido melhorias e um pouquinho de conforto e sonhos, elas também representaram um impacto na vida de nosso pai, pois, ele teve que abdicar de sua vida literalmente no meio mato para que pudéssemos viver essas pretensões e isso gerou algumas situações difíceis e angustiantes para ele. Esse é outro ponto dessa narrativa que remete a um olhar/compreensão sobre solidão, posto que apresenta um momento de transição marcado por renúncia. Capitanini (2000) refere que esse tipo de solidão, denominada temporária, é resultante de um evento de transformação.

O processo de mudança é sempre complexo, uma vez que, exige resignação, libertação. Segundo Ramos (2012), libertar não caracteriza apenas a quebra de correntes, mas fornecer à vida humana oportunidade positiva.

E assim meus pais o fizeram, deram possibilidade à vida, aliás, às nossas vidas. Entretanto, ainda movido pelo sentimento de perda, e sem muitas perspectivas sobre o seu futuro profissional, nosso pai então se iludiu com o sonho de ficar rico a partir das idas ao garimpo “Serra Pelada”, conhecido como o maior garimpo a céu aberto do mundo. Essa saga pelo ouro nos custou na época a perda da nossa casa e carro próprios, e desencadeou uma série de problemas financeiros. Foi um período muito difícil. Nossa mãe lamentava constantemente, aos prantos, que havíamos perdido tudo por causa da loucura de nosso pai.

Se solidão é ausência, temos aqui exemplos claros de ausências de ordem dos afetos, de ordem material, de ordem da estabilidade psicoemocional. Sobre

esse ponto de vista, a solidão é um fenômeno multidimensional, de caráter psicológico e eventualmente estressante, conseqüente de inexistências afetivas, físicas e/ou social (MONTERO Y LENA, SÁNCHEZ-SOSA, 2001).

O garimpo Serra Pelada, localizado na Serra dos Carajás, no Pará, era um morro sem vegetação de 150 m² e representava o sonho de ficar rico de milhares de pessoas que desenvolviam atividades de garimpagem em péssimas condições de trabalho, de saúde e de vida.

Após muitas tentativas em vão, e frustrado por ver sua família passar necessidades, até mesmo as básicas, nosso pai resolveu procurar outro emprego e, depois de ser fixado na Prefeitura Municipal de Tucuruí, como motorista, fomos aos poucos retomando uma vida mais digna, e assim seguimos até conseguirmos outra casa própria, nove anos depois. A solidão aqui se apresenta como conseqüência da frustração.

Mamede Júnior (2011) afirma que o entendimento da liberdade de escolha causa medo e apreensão de se equivocar na tomada de direções, haja vista que, são decisões definidas em um momento de extrema solidão.

Entretanto, a sensação de solidão pode revelar o desejo do enfrentamento de si mesmo, o que pôde ser observado na reação de nosso pai. A solidão se exteriorizou como condição de auto-apropriação, representada na coragem de enfrentar as adversidades reais da ocasião (SEIBT, 2011).

Apesar de todas as dificuldades, em Tucuruí vivemos experiências inesquecíveis como, ir a escola pela primeira vez, curtir longos percursos a pés com muitas companhias, ir a festas voltadas ao público infanto-juvenil, ter muitos amigos, tomar banho de rio, além de desfrutar de inúmeras brincadeiras de rua. Bernardes (2005) afirma que as brincadeiras tradicionais de rua representam a expressão autêntica da cultura popular e desempenha um papel muito importante na vida da criança no sentido de auxiliá-la na educação e na socialização. É, portanto, uma condutora de processos avessos a solidão. Brincar significa ocupar os espaços onde a solidão pode se instalar e fazer morada.

De modo geral, a cidade de Tucuruí representa em minha memória o período repleto de felicidade, de aprendizado e de experiências primeiras que nos conduziram a um futuro tomado por expectativas e desejos de sermos melhores. Entretanto, apesar de tantas experiências extraordinárias, existia em paralelo os

problemas de saúde que acompanhavam o meu irmão desde quando era um bebê, os quais pareciam se intensificar com o passar do tempo.

Em 1992 tivemos que nos mudar para o município de Castanhal-PA em virtude da necessidade de tratamento médico-hospitalar para o meu irmão que apresentava complicações em seu quadro de saúde. A decisão foi tomada por nosso pai após muitas viagens de minha mãe com meu irmão à Capital (Belém-PA) para acompanhamento médico. Nesse período já não compartilhávamos integralmente de todos os momentos e o “nós”, que antes parecia ser eterno, começou a fragmentar-se e passou a representar uma união mais comum, no que se refere à vida entre irmãos. Assim, introduziu-se no meu entendimento o “eu” e o “ele”, vidas com destinos distintos, mas sempre entrelaçadas.

Mais uma vez minha família decidiu por enfrentar experiências geradoras de solidão, fosse pela ausência momentânea da minha mãe e do meu irmão, fosse pelas fissuras causados pelo adoecimento do meu irmão que implica diretamente no modo como nos relacionávamos. Nesse sentido, reforçamos a compreensão da não solidão como consequência de quem age sobre a vida, traçando caminhos que direcionam a existências para lugares considerados “confortáveis”. Essas aspas são necessárias, pois conforto é fonte de busca só se esgota na morte.

Morar em Castanhal, perto da família da minha mãe e próximo de Belém parecia ser um bom propósito e o foi, no que se refere à assistência médica e hospitalar ao meu irmão. Entretanto, fora outra mudança de vida marcada novamente pela perda, dessa vez de amigos (grandes amigos), de moradia própria e de emprego (do nosso pai). Assim, percebemos que a solidão, como consequência de perda, pode gerar o esfacelamento da própria identidade. Mamede Júnior (2011) observa que essa condição de sujeito como um desconhecido de si mesmo o convida a se identificar no nada, portanto, no abandono da solidão.

Até aqui existe um ponto que marca a trajetória da minha família, trata-se dos inúmeros deslocamentos, mudanças que nos colocaram, de certa forma, em um movimento de andarilhagem. Olhar para esse processo de deslocamento por buscas e gerando perdas remete a outra reflexão sobre solidão. Ramos (2012) menciona que a mudança pode ser concebida como possibilidade ou geradora de libertação, então, seriam as buscas geradoras simultâneas de libertação e aprisionamento, já que a solidão pode aprisionar?

Sobre essa questão posso inferir que o fenômeno da solidão pode surgir como forma de representação do desenvolvimento existencial da humanidade, pela busca de si mesmo e da felicidade, assim como pode surgir em forma de privação, nesse caso, como dizem Carvalho e Baptista (2008) assalta e debilita o ser humano, impedindo-o de usufruir das sensações de felicidade e esperança.

Com base nas memórias que constituem minha história é possível afirmar que libertação e aprisionamentos caminham na mesma direção, com maior ou menor grau de interpenetração. Digo isso por me perceber me libertando e ao mesmo tempo me aprisionando por dentro dos episódios que foram consubstanciando minha existência. Nesses termos, nem libertação e nem prisão são absolutas. Diria que se impulsionam mutuamente e, talvez seja o ponto de conexão entre ambas o grande desafio com o qual temos dificuldade de lidar. Já fui mais e menos liberta, da mesma maneira como já fui mais e menos prisioneira, dos meus sonhos, conquistas, medos, equívocos, das minhas contradições e das questões histórico-políticas e socioculturais que também me afetam.

Em 1995, após a conclusão do meu Ensino Médio, antigo 2º Grau, meus pais, com muito esforço e trabalhando na feira livre de Castanhal, me pagaram um curso técnico de Auxiliar de Enfermagem. O curso durou 12 meses, entre aulas teóricas e estágios nos hospitais da cidade e me abriu as portas para o mercado de trabalho. Com as chances de trabalho em mãos não desperdicei as oportunidades de aprender. Meu primeiro emprego foi na Farmácia do Povo, onde trabalhei e me dediquei incansavelmente para desempenhar bem o ofício durante 1 ano e meio aproximadamente. Após esse período desempenhei a função de Auxiliar de Enfermagem em farmácias e laboratórios da cidade de forma informal, até conseguir, em 1999, um emprego fixo que me abriu novos horizontes e a oportunidade de voltar a estudar.

Nesse estabelecimento, de razão social Farmácia Nossa Senhora de Nazaré, fui respeitada enquanto profissional e pessoa e tive a oportunidade de conciliar estudo e trabalho. A esse ambiente e às pessoas que trabalharam comigo, em especial ao casal, donos do estabelecimento, minha eterna gratidão.

A relação entre o mundo do trabalho e a juventude é expressa a partir da tríade juventude, projeto de vida e educação. Essa tríade demarca desafios próprios desse tempo da vida humana. Nessa relação Dayrell (2007) concebe que a juventude é parte de um processo extenso de constituição de sujeitos, sendo que a

existência de cada um é marcada por especificidades. A juventude representa uma etapa da vida, entretanto, não se limita a um simples decurso, haja vista, possui importância em si mesma. Dayrell (2007) ainda afirma que a ligação entre trabalho e estudo na juventude é diversificada e complexa, de modo que não se finda na contradição entre os termos. A escola e o trabalho para a juventude se apresentam como projetos que se superpõem, conforme o momento vivido e as reais circunstâncias sociais que permitem o jovem a viver sua condição juvenil.

Apesar da temática que estrutura o objeto da investigação proposta nesse estudo orbitar em torno da solidão entre idosos, há que se considerar que as questões que interpelam a solidão não são exclusivamente dessa fase da vida. Os jovens também sofrem com a solidão, de modo geral marcado pelas ausências vinculadas ao mundo do trabalho, seja pelas impossibilidades de acesso a esse ambiente, seja pela imposição de definir entre trabalhar ou estudar.

Sobre a relação dos jovens com o mundo do trabalho e as implicações em relação a continuidade de estudos Dutra-Tomé *et al* (2016) afirma que essa relação reflete fatores positivos como, por exemplo, a oportunidade de adquirir experiência no mercado do trabalho (o que promove o crescimento do jovem enquanto pessoa e cidadão), a criação de expectativas por um futuro promissor, o desenvolvimento de habilidades sociais, da autoestima e da autonomia, entretanto, essa relação também reflete o lado negativo que é o fato da jornada de trabalho somada aos estudos gerar ao jovem a diminuição do lazer, a perda do sono e, por consequência, a baixa do estímulo pelo estudo, ocasionando prejuízo no rendimento escolar ou até mesmo a desistência.

Enquanto eu vivia as experiências profissionais e de vida, sofriamos com as inúmeras adversidades em relação à saúde do meu irmão, que veio a falecer em junho do ano de 1999. Foi um momento de muita dor e meus pais pareciam perdidos em um tipo de sentimento de incapacidade, de impotência, de solidão.

A solidão como condição incapacitante, imobilizante se torna difícil de suportar, uma vez que agride sua vítima fazendo-a se render às suas limitações. Esse fenômeno, como constata Carvalho (2011), é capaz de se apresentar em forma de desassossego, e essa representação negativa da solidão vitimiza e envolve o ser humano em um manto de tristeza, desalento e privação, apesar de que sentir ou perceber a solidão pode gerar também a possibilidade de proatividade, pois, consegue se apresentar como oportunidade de nos encontrarmos e nos

percebermos enquanto seres de intimidade e, na personalidade, seres de relação. Para Capitanini (2000) há diferentes maneiras de sentir e lidar com a solidão, de modo que, essas diferentes maneiras exteriorizam a singularidade de cada um.

Com o passar do tempo, e com a oportunidade de voltar a estudar em mãos, comecei a sonhar com a faculdade de Enfermagem, entretanto, após 2 anos de tentativas sem sucesso, e motivada por um amigo, prestei vestibular e fui aprovada no ano de 2000 para o curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no município de Igarapé-Açu. Em 2001 iniciei, então, a tão sonhada vida universitária, marcada inicialmente pelas idas diárias e cansativas ao Igarapé-Açu. Essa circunstância me motivou a realizar Vestibulinho para a Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Castanhal, após 1 ano de curso, e ao conseguir aprovação no processo de continuidade aos estudos na minha cidade de origem. Foi uma vitória marcante e confortável, e dessa forma, o ano de 2002 marcou o início da minha vida na Universidade Federal do Pará.

Em 2004, ainda enquanto aluna e já apegada à área das Letras, realizei prova de concurso público para o cargo de Técnico Administrativo da UFPA, entretanto, por tentar a vaga para o município de Bragança, não obtive pontuação necessária para aprovação imediata. Esse acontecimento não me desanimou e continuei os estudos firmemente até me formar no ano de 2005.

Com o curso de graduação finalizado e com o diploma em mãos, em 2006 recebi um telefonema em que pessoa desconhecida me informou sobre a minha convocação de apresentação para assumir o cargo de Técnico Administrativo no Campus de Bragança, em virtude da desistência de duas pessoas aprovadas com pontuações superiores a minha. Esse telefonema representou um novo momento de grandes mudanças em minha vida, e então, em maio de 2006, estava eu no município de Bragança para tomar posse do cargo de Assistente em Administração no Campus da UFPA/Bragança, o qual exerço até hoje. Diante desse desafio tive que me resignificar enquanto profissional, haja vista, minhas experiências profissionais anteriores haviam sido na área da saúde.

No município de Bragança obtive grandes e diversas experiências. A partir do vínculo com a UFPA realizei grandes projetos de vida. Enquanto servidora me dediquei inteiramente ao trabalho e obtive reconhecimento enquanto boa profissional pelo Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), ao qual até hoje tenho imensa gratidão por tudo que aprendi e vivi junto aos incríveis profissionais que lá atuavam e ainda

atuam. Academicamente consegui realizar minha Especialização, também na área de Letras-Português, que contribuiu de forma significativa para o melhoramento da minha atuação profissional. Em Bragança ainda consegui realizar sonhos pessoais, como ter casa própria e experienciar uma relação estável que me proporcionou a efetivação do meu maior sonho: ser mãe.

No ano de 2010 fui aprovada no curso de mestrado em Letras-UFGA/Belém, entretanto, neste mesmo ano ocorreu o nascimento da minha filha, e por opção desisti do curso para estar mais presente na vida dela. É difícil tomar decisões quando essas envolvem seus grandes desejos. É preciso que estejamos cientes de que nossas escolhas nos trazem perdas e ganhos, e como diz Ramos (2012, p. 225), a nossa vida “é construção e fazimento cotidiano”.

Esse episódio, em particular, me faz pensar que a ação humana não se restringe a enfrentar possíveis processos solitários. A condição social da nossa existência nos faz, por exemplo, agir em nome de outras, agir para que outros não sejam invadidos por experiências de solidão, como fiz em relação a minha filha, mesmo se encontrando em tenra idade. Cabe aqui também a reflexão que a solidão não pode ser concebida como uma experiência sobre a qual temos total consciência. A falta, a ausência não é percebida por uma criança da mesma maneira que é percebido por jovens, adultos ou idosos. De modo geral, as pessoas com maior idade elucubram suas experiências, se ocupam delas mais objetivamente, gerando, inclusive, maior espaço para o sofrimento.

Após 2 anos do nascimento da minha filha e, considerando que a vida é feita de ciclos, em 2012 veio o término da minha vida conjugal. Diante das difíceis fases e situações relacionadas ao fechamento desse ciclo, fiz a tentativa e consegui uma transferência para o Campus da UFGA, Castanhal, onde iniciei em 2013 minhas atividades profissionais e onde estou até o presente momento. Com essa mudança, tive que me reorganizar novamente no espaço, no tempo e agora com a difícil tarefa de criar e educar uma filha sozinha. Os primeiros anos foram muito árduos e solitários, mas, essenciais para meu fortalecimento enquanto mulher, profissional e mãe. Reaprendi a me cuidar e a me respeitar de forma que me ressignifiquei totalmente. Mais que isso, fui levada a lidar com a solidão a partir de outros parâmetros de relacionamento.

Essa é uma questão também importante de se destacar, a solidão, como percebo, não tem um padrão para se fazer existir e a depender de onde é gerada,

exigirá da pessoa decisões e enfrentamentos específicos. Digo isso por entender que as experiências de solidão vivenciadas no seio da minha família não são iguais as que experiências a partir do término de uma relação conjugal ou ainda de experiências no ambiente de trabalho ou de outros lugares.

Se em um primeiro momento a ideia de deslocamento, escolhas e partidas esteve vinculada aos meus pais, a partir do meu ingresso na vida profissional passei a também vivenciar esses processos, portanto, também a vivenciar as solidões resultantes de cada escolha feita ao longo de todos esses anos.

O ano de 2019 foi marcante em minha trajetória pela minha aprovação no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA), da UFPA, pelo fato de ser algo que já estava fora das minhas reais especulações, era apenas um sonho ora não realizado que se escondera na sensação de incapacidade de retomar. Todavia, fui motivada pelo Professor João Batista Santiago Ramos, hoje meu orientador nesse curso de mestrado.

Estar nesse curso para mim é uma realização pessoal e um grande desafio a ser conquistado, tendo em vista toda a dificuldade comum de um curso acadêmico somada a um tempo de pandemia complexo e angustiante. São dias que nos roubam sonhos, assim como nossa saúde física e mental, e por isso é preciso ter fé (qualquer tipo de fé) para seguir mesmo que sem a certeza do porvir. As perdas são irreparáveis, entretanto, a esperança e o desejo de passar por essa tempestade sem muitos danos sofridos por mim e minha família, me mantém firme e persistente. Desse modo, sigo, nas lutas diárias e fazendo parte deste Programa de Pós-Graduação ao qual tenho tentado me dedicar ao máximo apesar de toda problemática vivida.

Quero ainda exteriorizar que a UFPA representa em minha vida um papel significativo, de modo que manifesto a essa Instituição e às pessoas que dela fazem parte, toda a minha gratidão e dedicação.

Finalizo essas linhas expressando que rememorar meu passado foi de certa forma inquietante, tanto pela saudade dos momentos bons, pela dor das tristezas vividas, como pela falta do que ficou por acontecer (desejos perdidos nos medos de tentar). O tempo, indubitavelmente, é implacável e a solidão é constantemente vivenciada em nós, mesmo que percebamos isso tempos depois.

Esse tempo de narrativa autobiográfica tem uma relação direta com o objeto de estudo, embora, esse estudo se relacione à solidão vivenciada pela pessoa

idosa. Há de se considerar, pois, que a experiência da solidão não é exclusividade do público idoso, assim, a partir das minhas próprias experiências, do olhar de quem viveu a solidão ou que percebeu a solidão entre adultos e depois entre idosos, é que surgiu essa proporção de estudo a ser tratado nas sessões a seguir.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se concentra em fazer uma reflexão acerca do fenômeno solidão como consequência de um estado subjetivo. Essa reflexão é feita a partir de experiências vivenciadas por pessoas idosas que compõem o Programa Grupo de Educação e Terceira Idade, da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal.

Falar sobre solidão é um grande desafio, pois, constitui um fenômeno complexo que, embora esteja relacionado à ideia de isolamento, trata-se de uma experiência que se apresenta independentemente da concepção de estar só, desacompanhado. A solidão é um evento “tão sentido quanto temido pela generalidade dos seres humanos” (CARVALHO, 2011, p. 8).

Capitanini (2000), afirma que a experiência da solidão se manifesta de diferentes formas, e há também diferentes maneiras de lidar com essa experiência ou afastá-la. Para a autora, acontecimentos na vida que representam mudanças, como por exemplo, a saída dos filhos de casa, morte do (a) cônjuge, desemprego, entre outros fatores, previsíveis ou não, podem gerar esse sentimento tanto em homens como em mulheres.

Há de se acrescentar que a solidão pode surgir a partir da sensação do que não se viveu, seja por impossibilidades reais ou por insegurança em se viver com intensidade por medo de sofrer. O poeta Vinicius de Moraes (1971) em sua música “Como dizia o Poeta” nos leva a refletir sobre a angustiante fobia que o ser humano tem de viver paixões, de viver o desconhecido, na descrença do que virá adiante. Segundo o poeta a maior solidão é a do homem que se limita, que se encerra em si mesmo por medo de ferir-se, e assim não ama e não se entrega às pessoas e ao mundo.

Em termos psicológicos, Moreira e Callou (2006) concebem que a solidão é capaz de se definir pela inexistência afetiva do outro, de modo que, esse outro pode estar no mesmo espaço físico, mas apresentar distanciamento interacional e afetivo. Neto (2000) ratifica que a solidão é uma vivência subjetiva que não necessariamente se correlaciona com o isolamento objetivo. Conforme o autor a solidão enquanto experiência subjetiva é psicologicamente ofensiva para o indivíduo, pois, se origina de alguma forma de relacionamento insatisfatório.

Embora o fenômeno da solidão pressuponha, no primeiro olhar, algo doloroso e angustiante, Seibt (2011, p. 56) ressalta que este fenômeno pode também

representar um sentido positivo enquanto circunstância “para o exercício mais efetivo da liberdade e da responsabilidade, elemento de consciência de si e do mundo, de autonomia em relação às determinações em que somos formados”. O ser humano, pois, tende a fugir da solidão, uma vez que essa experiência provoca a sensação de desamparo e angústia, entretanto, há a possibilidade de usá-la como requisito para a auto-apropriação.

A solidão enquanto vivência pode se fazer presente em qualquer fase da vida do ser humano, independentemente da idade e do meio social, no entanto, Azevedo e Afonso (2016) destacam que esse sentimento ocorre com mais frequência nos adolescentes e nas pessoas idosas, sendo que esse último público é afetado de forma mais intensa, principalmente quando essas pessoas precisam ser institucionalizadas após vivência em família e representar suporte e exemplo entre as gerações.

Cabe destacar que, com o envelhecimento surge a necessidade de mudanças na vida do indivíduo. Mudanças essas que exigem um processo de adaptação muitas vezes marcado por sofrimentos ocasionados principalmente pela perda da autonomia, pelo afastamento das suas atividades rotineiras e do convívio social.

No que concerne aos fatores culturais contemporâneos, a rede de relação social da pessoa idosa tende a ficar cada vez mais rara. Há a diminuição das funções, a desvalorização de seus conhecimentos e posteriormente o afastamento dessa pessoa idosa de seus papéis. A pessoa idosa, portanto, deixa de ser importante patrimônio e transforma-se em puro encargo social (GOLDFARB, 2006).

De acordo com Goldfarb (2006, p. 78), apesar de nas últimas décadas a pessoa idosa ter sido reconhecida e incluída nesse panorama cultural contemporâneo, a condição dos idosos enquanto ocupantes de um não-lugar social, ou seja, de um espaço que não desenvolve vínculos, os levam às margens da estrutura da sociedade, onde são “reconhecidamente obrigados à subjetividade ancorada na passividade, à pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais. São empurrados em direção à perda de todo o poder, até sobre si mesmo”.

Desse modo, entendemos que a perda do reconhecimento social provoca grande angústia e confronto existencial na pessoa idosa, o que pode gerar um sentimento de finitude adverso, caracterizado pela sensação de término de um caminho decadente marcado por grandes privações.

O reflexo desse contexto normalmente não é positivo, pois, aceitar e enfrentar as mudanças são desafios muito grandes considerando que a pessoa idosa caminha em direção a uma realidade muitas vezes constituída de limitações e de dependência do outro. A negatividade do que é envelhecer promove a dificuldade de permissão, de aceitação e de adaptação aos processos do envelhecimento que, junto às inseguranças e ansiedades, podem viabilizar a solidão.

Uma vez instalada na pessoa idosa, a solidão gera desejos negativos que são fortalecidos, infelizmente, pelo desrespeito e desdém em relação a essa pessoa na e pela sociedade. Goldfarb (2006, p. 79) evidencia que a cultura que cria e viabiliza uma linguagem de classificação dos cidadãos de acordo com seu gênero e faixa etária, define “as relações sociais entre eles, tanto de aliança quanto de conflito, solidariedade ou dominação”. Nessa categorização da sociedade a pessoa idosa comumente encontra-se submergida na luta para garantir um espaço como sujeito que possui direitos e não benefícios.

É importante enfatizar que o Estatuto do Idoso² regulamenta os direitos assegurados à pessoa idosa e lhe garante proteção jurídica para desfrutar esses direitos sem sujeitar-se a favores e humilhações. É direito da pessoa idosa viver com dignidade e é dever da família, da sociedade e do Poder Público garantir que essa pessoa não seja tratada como “objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei” (BRASIL, 2003, p. 12).

Todavia, apesar de o Estatuto do Idoso representar um grande avanço da legislação brasileira, muitos são os direitos ainda não acolhidos pela sociedade, seja por falta de informação, ou pelo simples desrespeito à pessoa idosa. Pinheiro e Areosa (2018) ratificam que a legislação não é suficiente por si só, e que para garantir a efetivação dos direitos da pessoa idosa é preciso que a sociedade reconheça as contribuições que essas pessoas já concederam e ainda podem conceder para o progresso social. É preciso destacar ainda a importância em se garantir aos mais jovens uma educação voltada à valorização da pessoa idosa, cujo intuito é estabelecer uma relação de coexistência entre a sociedade.

² Lei nº 10.741 de 1 de outubro de 2003

O processo do envelhecimento é parte do desenvolvimento humano, entretanto, é visto na maioria das vezes com preconceito e negação. Andrade, Sena, Pinheiro *et al* (2013) evidenciam que no Brasil o envelhecimento tem acontecido em um âmbito de discriminações consolidadas culturalmente, divergências educacionais e socioeconômicas, além de políticas públicas assistencialistas.

Diante desse fato, reforçamos a importância em se fazer cumprir as Leis prescritas do Estatuto do Idoso, uma vez que “o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social” (BRASIL, 2003, p. 12).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) em apoio às ações de construção de uma sociedade para todos, onde as pessoas idosas tenham a expectativa de uma longevidade saudável, proclamou em dezembro de 2020 a Década do Envelhecimento Saudável como estratégia para favorecer os procedimentos que visam o enfrentamento dos desafios que se manifestam com o envelhecimento.

A Década do Envelhecimento Saudável, de acordo com a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBBG), visa a criação de possibilidades de adaptações e investimentos apropriados para garantir qualidade de vida à pessoa idosa, por meio da integração de serviços de saúde e assistência social, ambientes favoráveis, segurança, interação social, boa alimentação e tratamento digno.

Tendo em vista essa necessidade do reconhecimento dos direitos da pessoa idosa, bem como a relevância das ações desenvolvidas em prol de uma vida mais digna na velhice, este estudo se justifica pela urgência em averiguar se e até que ponto a experiência da solidão se manifesta na pessoa idosa e como afeta sua vida pessoal e social, uma vez que, essa experiência se evidencia comumente frente aos impactos que esse público sente com as transfigurações que ocorrem em sua vida, como perda da autonomia, saúde debilitada, declínio da autoestima e desrespeito por parte da família e sociedade. A busca por razões que amenizem essa relação de estranheza é comum e necessária para abrandar esses impactos e viabilizar a qualidade de vida, assim como, o fortalecimento da credibilidade dos sonhos e da autoestima, já que “a vida, quando desvinculada dos sonhos, mesmo que involuntariamente por vezes, perde-se num universo desesperançado e sombrio” (RAMOS, 2012, p.141).

É sabido que a maioria das pessoas experienciam a solidão em sua forma dolorosa, entretanto, existem situações que configuram a vivência da solidão como forma positiva, e esta se caracteriza como elemento impulsionador do

autodesenvolvimento e da criatividade (CAPITANINI, 2000). Há também, dentre as diversas formas de manifestação dessa experiência a solidão povoada, nesse campo Gallo (2011) nos esclarece que é aquela solidão exteriorizada na captura do pensamento e na corrosão do íntimo, mesmo o indivíduo estando em meio a pessoas e ambientes movimentados. Esse tipo de vivência da solidão possibilita a articulação das inúmeras construções que nos habitam, que são decorrências dos contínuos encontros e desencontros da vida.

Considerando esses diversos aspectos da solidão e suas reações na pessoa idosa levantamos a seguinte questão de pesquisa: Quais elementos sócio/pessoais mais contribuem para a experimentação da solidão entre pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI)/UFPA?

Para responder tal questão de pesquisa delimitamos o objetivo geral deste estudo, que corresponde em investigar, fundamentados nas várias dimensões de solidão, os elementos sócio/pessoais que causam a experiência de solidão entre pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI). Como objetivos específicos nos propomos a refletir a experiência de solidão de pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI)/UFPA e; analisar as implicações da experiência da solidão vivenciada por pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI)/UFPA.

A articulação das abordagens teóricas reportadas neste estudo nos permitiu instigar a relação desse fenômeno solidão e suas implicações na vida da pessoa idosa, de modo que, para atingirmos nossos objetivos organizamos a presente pesquisa em cinco (05) seções, conforme apresentação a seguir:

Na primeira seção de nomenclatura **Referencial e percurso metodológico**, descrevemos os nossos procedimentos metodológicos, por meio dos quais demonstramos nossa estrutura organizacional da pesquisa, a abordagem da pesquisa, a técnica e os procedimentos de produção e análise de dados, o contexto da pesquisa e a descrição dos sujeitos participantes da pesquisa. Para esse capítulo nos pautamos nos conceitos de Assis (2020), Bardin (2015), Brasil (2003), Flick (2009), Marconi e Lakatos (2021), Marconi e Lakatos (2017) e Moratelli (2020).

A segunda seção é intitulada **Conhecendo um pouco sobre a história do ambiente no qual estão inseridos os sujeitos da pesquisa**. Neste capítulo abordamos os seguintes sub-tópicos: O município de Castanhal e a questão da pessoa idosa; O Campus Universitário da UFPA em Castanhal e; O Programa Grupo

de Educação na Terceira Idade – GETI, reforçando neste último sub-tópico as ações do Programa GETI e sua relevância para a comunidade universitária e castanhalense. Como referência teórica nos pautamos em Brasil/IBGE (2020), Falcão (2019), Freire (2013), Freitas (2011), Nascimento, Anjos *et al* (2021) e Santos (2020).

A terceira seção tem como título **Abordagens teórico-conceituais sobre o fenômeno solidão**. Neste capítulo discorremos sobre o sentimento de solidão na velhice, demonstrando alguns reflexos oriundos das sensações de perdas, além de trazermos reflexões acerca da rede de relações sociais na velhice. Para essa abordagem utilizamos como base teórica os autores Andrade e Sena *et al* (2013) Beauvoir (1990), Brasil/Portal da Educação (2020), Capitanini (2000), Carvalho (2011), Carvalho e Baptista (2008), Cunha (2002), Freitas (2011), Furtado (2011), Goldfarb (2006), Melo (2011), Moreira e Callou (2006), Motta (2018), Neri (2001), Neri (2008), Ribeiro, Gama e Ramos (2020), Röhr (2011) e Teixeira (2010).

Nossa quarta seção tem como título **Da excursão teórica aos estilhaços de fala dos sujeitos acerca da solidão**. Nesse capítulo trazemos os resultados que foram obtidos a partir dos dados produzidos e as discussões foram elaboradas com base na literatura de Azevedo e Modesto (2016), Beauvoir (1990), Boff (2005), Brasil (2003), Capitanini (2000), Carvalho (2008), Cunha *et al* (2012), Erbolato (2000), Fachine, Freitas (2011), Trompier (2012), Freitas (2011), Klein (2020), Leão e Ferreira, *et al* (2020), Lemos (2018), Lemos *et al* (2006), Medeiros *et al* (2019) Montenegro (2018), Neri (2005), Neri (2008), etto (2002), Pariol *et al* (2018), Pinheiro, Tamaya (1984), Pinheiro e Areosa (2018), Santos (2006), e Zimernan (2020).

Em uma última seção (5ª) trazemos as considerações finais, as quais demonstram ao leitor pontos relevantes dos resultados, a abordagem geral do tema a partir das evidências dos sujeitos sobre o fenômeno solidão, bem como, a significância de futuros estudos acadêmicos acerca do tema tratado.

1 REFERENCIAL E PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é um procedimento de cunho científico que demanda uma investigação cuidadosa e sistemática e nos permite a descoberta de novos conhecimentos. A primeira fase de uma pesquisa é a decisão em realizá-la, seja por uma disposição própria ou por interesse de alguma entidade, e toda pesquisa deve conter um objetivo determinado, a partir do qual o pesquisador buscará a resolução para o problema levantado. Esse objetivo evidencia a questão da pesquisa e estende o alcance de conhecimentos de determinado assunto (MARCONI e LAKATOS, 2021).

Assim a construção do conhecimento científico se dá por meio de planejamento, baseando-se em conhecimentos anteriores e métodos preestabelecidos, assim, entendemos que o pesquisador não age de forma ocasional, há a aplicação de técnicas, normas sistemáticas e novas indagações que o permitirá responder as precisões da pesquisa.

Marconi e Lakatos (2021) conceituam o conhecimento científico como aquele que:

é transmitido por intermédio de treinamento apropriado, sendo um conhecimento obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos. Visa explicar por que e como os fenômenos ocorrem, na tentativa de evidenciar os fatos que estão correlacionados, numa visão mais globalizante do que a relacionada com um simples fato. (LAKATOS, p. 126)

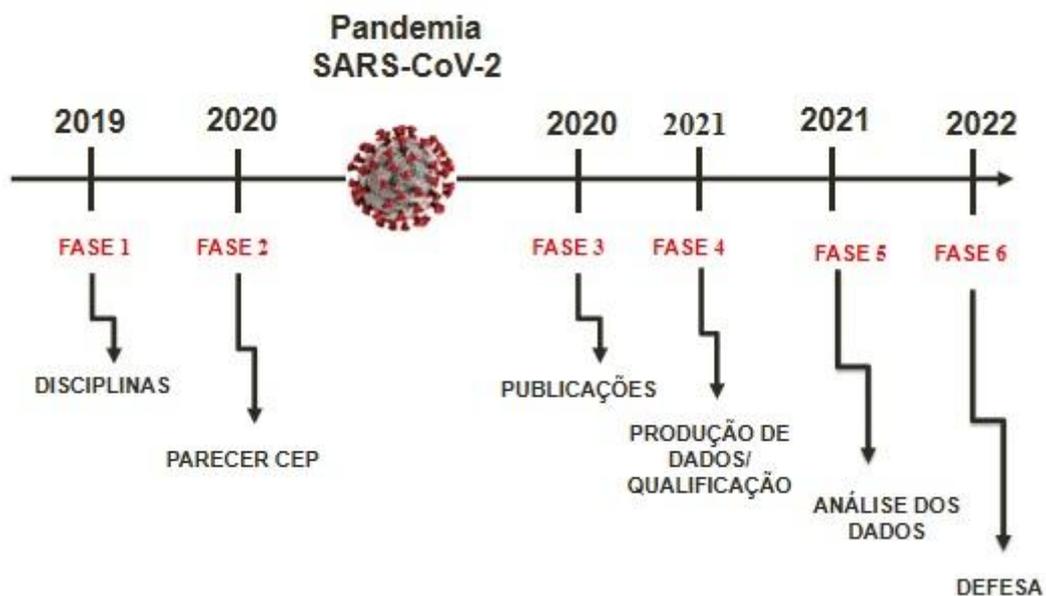
Com base nessas reflexões de pesquisa e conhecimento científicos, para esse estudo adotaremos uma estrutura organizacional que será apresentada inicialmente com o cronograma de execução desta dissertação e em seguida apresentaremos, em subtópicos específicos, os percursos trilhados e os procedimentos metodológicos adotados, nos quais destacaremos os teóricos que nos fundamentaram em nossa revisão bibliográfica, bem como os métodos utilizados para a produção e análise dos dados até chegarmos à obtenção dos resultados. Destacamos que cada etapa de uma pesquisa requer planejamento e dedicação para que tudo se processe normalmente e a investigação alcance seus objetivos (MARCONI e LAKATOS, 2021).

1.1 Estrutura Organizacional da pesquisa

Toda a produção acadêmico-científica demanda um exercício de organização que expresse, por um lado, o caminho a ser seguido pelo pesquisador e, por outro lado, certo nível de segurança em relação ao desvio do percurso que, planejadamente, levará o pesquisador ao alcance dos objetivos e a resposta em relação a questão/problema levantada.

Nesses termos, ilustramos na figura 1 as fases de realização da pesquisa.

figura 1: Estrutura organizacional da pesquisa



Organização: A autora (2021)

A figura 1, em uma visão geral, as fases que esta pesquisa transcorreu, desde o início dos estudos, até a elaboração dos trabalhos científicos. Cada etapa foi desenvolvida seguindo as necessidades construtivas de uma investigação científica, a qual buscou responder à questão de pesquisa levantada para a compreensão do fenômeno solidão e suas possíveis manifestações em pessoas idosas.

Em relação as disciplinas cursadas no PPGEAA, essas foram realizadas no primeiro ano do curso, cujas finalidades imediatas foram cumprir os créditos necessários para a integralização do curso e organizar os referenciais teóricos para

a construção do projeto da dissertação. Dentre elas, chamou atenção a disciplina Tradução e Alteridade que discorreu acerca dos conceitos de tradução, relevantes para o conhecimento do processo de desmistificação das obras, visto que corresponde ao exercício de desmontagem e remontagem de texto original e; de conceitos de alteridade, que nos levou à percepção de nós mesmos a partir das diferenças, a partir da nossa imagem perante o outro.

Esses conhecimentos contribuíram de forma significativa em relação a este estudo em questão, assim como a disciplina Epistemologia que também oportunizou reflexões que orientaram a organização desse estudo a medida em que tratou sobre a existencialidade humana.

No que se refere ao parecer do comitê de ética, este resultou da submissão do projeto da pesquisa ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE): 31748720.5.0000.0018. Obtivemos aprovação por meio do parecer nº 4.059.488 (ANEXO A) em abril de 2020 e partimos, então, para as etapas de seleção dos entrevistados.

Em se tratando das publicações, focamos em aprofundar os conhecimentos teóricos acerca do tema proposto em nosso projeto, para então submeter trabalhos a periódicos que apresentassem qualificações necessárias para atender as demandas do Programa.

Dentre os trabalhos publicados destacamos o artigo intitulado “A solidão da pessoa idosa em tempos de pandemia” (RIBEIRO e RAMOS), publicado em 01 de outubro de 2020, na revista *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10; e o capítulo de livro intitulado “Solidão e solidariedade na vida das pessoas idosas: das fraturas aos laços de indentidade” (RIBEIRO, GAMA, RAMOS), publicado no livro *Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares*.

No que tange a produção inicial dos dados e a qualificação realizamos as primeiras entrevistas com os participantes escolhidos, depois organizamos o Plano de Qualificação de Mestrado, com base nos conhecimentos teóricos adquiridos e com os dados iniciais da nossa proposta de discussão, para realização do Exame de Qualificação.

A partir da qualificação foi realizado as seguintes redefinições no estudo: a) revisão da metodologia e alteração do método de análise, de indutivo, para a análise do conteúdo; b) realinhamento dos objetivos do estudo; c) abordagem sobre os direitos das pessoas idosas e a década do envelhecimento.

Os subtópicos a seguir irão descrever com mais precisão a metodologia estudada e utilizada na realização desta pesquisa.

1.2 Abordagem da pesquisa

Para atingirmos os propósitos desta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, já que há a necessidade de compreensão e atribuição de significados do fenômeno solidão e suas manifestações em pessoas idosas. Marconi e Lakatos (2017) evidenciam que a pesquisa qualitativa tem como objetivo a obtenção de um entendimento particular do objeto investigado, e que o foco é compreender o fenômeno estudado dentro da circunstância em que se encontra.

Flick (2009, p. 8) reforça que a abordagem qualitativa de uma investigação científica “visa abordar o mundo lá fora (e não em contextos especializados de pesquisa, como laboratórios) e entender, descrever e, as vezes, explicar os fenômenos sociais de dentro de diversas maneiras diferentes”.

Assim, entendemos que a pesquisa qualitativa busca o entendimento dos significados situacionais dos fenômenos estudados a partir dos relatos e comportamentos dos entrevistados.

1.3 Técnica e Procedimentos de produção e análise de dados

1.3.1 Das Técnicas

A produção de dados foi realizada a partir da aplicação de um roteiro de entrevista (APÊNDICE A) previamente estruturado, cujas questões se direcionaram para as seguintes categorias: experiência de vida familiar, rede de relações sociais e sentimento de solidão. Tal técnica de produção de dados foi dividida em dois segmentos, sendo que o primeiro tratou sobre questões relacionadas às situações sociofamiliares e econômicas dos sujeitos entrevistados, enquanto que o segundo segmento se constituiu das 5 (cinco) perguntas norteadoras da entrevista.

Nessa entrevista, buscamos de acordo com Marconi e Lakatos (2017) um diálogo assimétrico que tem de um lado a pesquisadora direcionando a conversação conforme suas finalidades, e de outro lado o (a) entrevistado (a) que contém as informações a serem obtidas.

Para os autores,

O objetivo da entrevista é obter informações importantes e compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas. Por ser a entrevista um intercâmbio de comunicação, deve-se ter presente toda uma série de aspectos que tornam eficaz a inter-relação, a fim obter um testemunho de maior qualidade. (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 338).

1.3.2 Dos procedimentos

De posse das informações e já com os sujeitos definidos, organizamos os percursos e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Para a realização efetiva da produção dos dados estruturamos com bastante cautela os momentos expostos a seguir:

Procedimento 1: Conversa com a Coordenação do Programa de Extensão Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI)

Inicialmente dialogamos com a Coordenação do GETI com a finalidade de esclarecer a proposta da pesquisa e solicitar dados sobre o Programa e seus participantes. Diante desses dados elencamos nosso universo de pesquisa e, após autorização, organizamos os procedimentos para a realização das entrevistas.

Procedimento 2: Contato inicial

O contato inicial com os entrevistados aconteceu por meio de ligação telefônica. Nessas ligações, após o aceite de participação, foram acordados a data, horário, cuidados preventivos e tempo estimado em máximo de 30 (trinta) minutos de entrevista, em respeito à condição de grupo de risco dos participantes, aos cuidados de segurança junto a pandemia.

Procedimento 3: visita às residências

Seguindo as normas de prevenção contra o coronavírus SARS-CoV-2, realizamos as visitas as residências (casas) dos sujeitos investigados para a realização da entrevista. Logo no início do diálogo foi solicitada a permissão para o uso do gravador de voz, e foi explanado sobre os objetivos da pesquisa, o caráter

voluntário da entrevista e o direito ao sigilo que é fundamentado pela Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Esta Resolução versa sobre os princípios éticos das pesquisas em Ciências Sociais e Humanas, especificamente no Art. 3º e seus respectivos parágrafos.

Procedimento 4: Execução do roteiro de entrevista

Aplicamos o roteiro de entrevista de forma cautelosa, evitando intervir nas respostas e demonstrando motivação e credibilidade ao entrevistado. Assim, pudemos conceder confortabilidade ao momento e obter dados mais autênticos.

Procedimento 5: Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Após o diálogo com os entrevistados, pedimos a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), conforme exigência do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP). Por meio desse documento o entrevistado garante seu anonimato e cede ao pesquisador a posse e os direitos autorais de seu depoimento, de modo que, o pesquisador pode utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos, os dados informados.

Em seguida à obtenção dos dados das entrevistas realizamos, então, a reprodução desses dados e ressaltamos que as elocuições das pessoas entrevistadas foram transcritas de acordo com as normas gramaticais da Língua Portuguesa, como forma de correção de alguns vícios de linguagem e/ou desvios gramaticais.

1.3.3 Da análise

Para a análise dos dados produzidos utilizamos o método de análise de conteúdo que Bardin (2015) descreve como “o conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Essa técnica de análise permite ao pesquisador observar as diversas formas de comunicação que o entrevistado emite no ato da entrevista. O autor citado afirma que o método de análise de conteúdo possui fases diferentes e são organizadas em 3 (três) polos temporais: 1) pré-análise - ocorre a estruturação operacional da pesquisa, ou seja, a sistematização das ideias e a esquematização

dos procedimentos a serem adotados; 2) exploração do material - momento em que se aplica de forma sistemática as decisões tomadas na pesquisa. Essa fase corresponde às operações de codificação, decomposição ou enumeração do material em análise e; 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação - os resultados são submetidos a testes de validação. Nesse momento o pesquisador pode sugerir inferências e agilizar interpretações no que diz respeito aos objetivos da pesquisa previstos.

Assis (2020) diz que a análise de dados de uma investigação compreende à organização e sintetização das informações obtidas e que proporcionam repostas ao problema da pesquisa, e que interpretação desses dados tem o intuito de associar o material obtido com conhecimentos anteriores, os quais devem ser separados das suas particularidades e submetidos à análise. Salienta ainda que “os elementos colhidos entre diversos autores devem ser confrontados, contrapondo pontos de vista convergentes ou divergentes, para escolher o que mais se adapta aos objetivos da pesquisa” (ASSIS, 2020, p. 29).

Diante das informações sobre nossos caminhos e procedimentos etodológicos abordaremos no capítulo a seguir sobre a história do ambiente em que realizamos nossa pesquisa.

1.4 O contexto da pesquisa

Este estudo foi desenvolvido no município de Castanhal, nordeste do Pará, com pessoas idosas do Programa de extensão Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Cabe aqui mencionar que diante do contexto mundial de pandemia ocasionada pela SARS-CoV-2 os desafios e dificuldades para a realização da pesquisa foram consideravelmente superiores às expectativas iniciais, haja vista, a necessidade de contato direto com o público pesquisado (pessoas idosas), o qual representava alto risco de contaminação pelo coronavírus supracitado. Dessa forma, a escolha dos procedimentos foi feita minuciosamente no sentido de atender as exigências da pesquisa e ao mesmo tempo preservar a saúde dos sujeitos envolvidos.

1.5 Descrição dos sujeitos participantes da pesquisa

Inicialmente fizemos um levantamento junto à Coordenação do Programa de Extensão Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI), com o objetivo de conhecer o funcionamento do Grupo e termos acesso às pessoas que fazem parte do mesmo. Na sequência efetivamos a escolha dos sujeitos seguindo os passos demonstrados abaixo:

Passo 1: Selecionamos as pessoas acima de 60 anos de idade;

Passo 2: Selecionamos 6 (seis) dessas pessoas, de forma aleatória, considerando a situação de saúde de cada uma delas, com a finalidade de resguardar as que possuíam mais fragilidades, no que diz respeito à sua saúde física e psicológica;

Passo 3: Classificamos de acordo com a idade e o sexo aquelas que aceitaram participar e;

Passo 4: Designamos a essas pessoas nomes os fictícios Maria, João, Júlia, Socorro, Francisca e Margarida, em atenção ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e respeito aos entrevistados.

Diante dos critérios de seleção adotados formamos um quadro com as 6 (seis) pessoas idosas (quadro 1) que concordaram em participar e que se encontravam em condições de contribuir para os objetivos da pesquisa. Cabe ressaltar que o caráter da pesquisa foi voluntário e que os participantes tiveram total autonomia de decisão.

Tabela 1: Identificação dos sujeitos entrevistados

Nome	Cor	Idade	Religião	Sexo	Bairro
Francisca	Branca	62	Católica	Feminino	Santa Catarina
Maria	Parda	79	Católica	Feminino	Ianetama
Júlia	Parda	60	Católica	Feminino	Ianetama
Socorro	Branca	70	Católica	Feminino	Caçara
João	Negra	79	Espírita	Masculino	Jaderlândia
Margarida	Branca	71	Católica	Feminino	São José

Com relação ao primeiro grupo de identificação, verificamos que aproximadamente 50% são brancos, 33,4% são pardos e 16,6% são negros, ou seja, a maioria branca. Esses dados nos faz refletir sobre o possível alongamento do tempo de trabalho de pessoas negras (pardas) em relação aos brancos, mesmo após os 60 anos de idade. Essa reflexão se constrói a partir do entendimento de que participar do GETI significa dispor de um tempo que, Infelizmente, muitos idosos não possuem em razão das condições sociais das suas famílias. Não são raros os casos de idosos que mesmo depois de aposentados se mantêm no mercado de trabalho para garantir o sustento da família que, em muitos casos, incluem filhos, netos e até bisnetos. Sobre o trabalho na velhice, Moratelli (2020) afirma que, no Brasil, a pessoa idosa passa por grandes dificuldades para se manter ou reingressar no mercado de trabalho, em virtude, sobretudo, do preconceito quanto à idade e o tema da aposentadoria.

Verificamos ainda na tabela 1 que em relação a idade é possível distribuir os participantes em dois grandes grupos. O primeiro na faixa etária dos 60 anos, com um total aproximado de 33,34% e o segundo na faixa etária dos 70 anos, com um total aproximado de 66,6%. Esse número maior de idosos acima de 70 anos reforça nosso entendimento de que o início da velhice não garante aos idosos o direito de participar de projetos inclusivos como os que o GETI garante que possam contribuir com esse tempo existencial por meio da educação, cultura, arte, lazer, jogos, atividades rítmicas, etc. Diante desses apontamentos, é preciso problematizar o direito da pessoa idosa a uma vida com dignidade, expressa, por exemplo, no Estatuto do Idoso quando afirma que “É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direito civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 2003, p. 13).

Quanto à religião, verificamos que aproximadamente 83,4% são católicos e 16,6 são espíritas. Esse dado carrega uma questão que é necessário dar visibilidade. Trata-se do equívoco que algumas religiões, sobretudo as protestantes, cometem ao demonizar a relação dos seus fiéis com o próprio corpo, com a alegria, com as experiências que a educação, a arte e a cultura podem proporcionar. Daí o provável motivo da inexistência desses sujeitos dentro do GETI. Segundo Rigoni e Prodócimo (2013) as coisas mundanas, por estarem próximas às tentações são consideradas profanas pelos evangélicos. A religião quando atua como entidade

educadora do corpo define o comportamento que o indivíduo deve dispor, ou seja, as pessoas adotam os princípios morais e as condutas sociais do grupo religioso que frequentam.

Tabela 2: Núcleo familiar dos sujeitos entrevistados

Estado Civil	Quantitativo de filhos e netos	Com quem residem
Solteira	2 filhos e 1 neto	Fillho
Viuva	9 filhos e 29 netos	Filha
Viuva	2 filhos	Mãe
Estável	4 filhos e 3 netos	Companheiro
Casado	4 filhos e 9 netos	Esposa
Solteira	01 filho e 5 netos	Sozinha

Tabela 3: Renda dos sujeitos entrevistados

Fonte	Dependentes
Aposentadoria	Não tem
Aposentadoria	Não tem
Pensão	Não tem
Aposentadoria	Não tem
Aposentadoria	Não tem
Trabalho informal	Não tem

Tabela 4: Escolarização dos sujeitos entrevistados

Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio completa
3	2	2

Dos que se enquadram no Ensino Fundamental incompleto 1 participante cursou até a 3ª série, 1 participante cursou até a 4ª série e 1 participante cursou até a 6ª série.

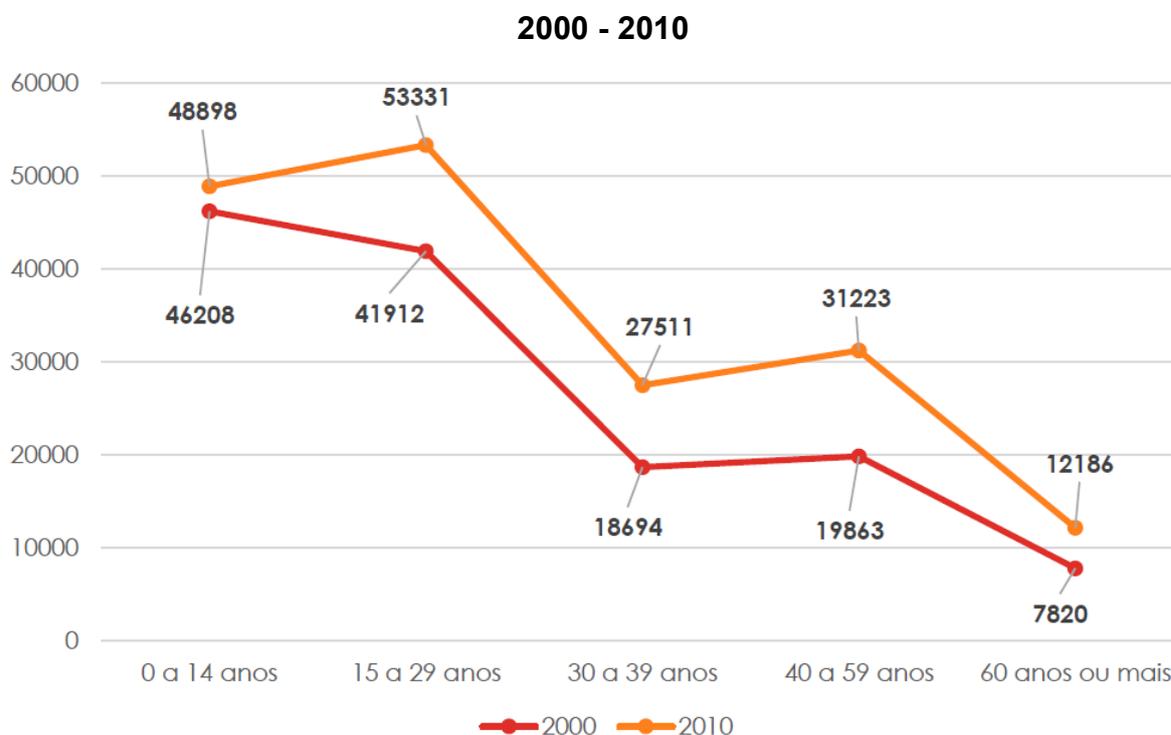
2 CONHECENDO UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO AMBIENTE NO QUAL ESTÃO INSERIDOS OS SUJEITOS DA PESQUISA

2.1 O município de Castanhal e a questão da pessoa idosa

O município de Castanhal está localizado no nordeste paraense, a 68 km da capital do Estado do Pará, Belém. O seu surgimento se deu a partir de um povoado, onde habitavam colonos e imigrantes nordestinos. Esse povoamento teve seu desenvolvimento favorecido pelo Projeto de construção da ferrovia que fazia a ligação entre Belém e Bragança, cuja obra passou a ser chamada de Estrada de Ferro de Bragança, considerando a região em que fora constituída. Em 1932, por meio do Decreto Estadual n.º 600, de 28-01-1932, Castanhal foi elevado à categoria de município, sendo desmembrado então da Capital Belém, e atualmente o município possui uma população estimada de 203.251 habitantes (IBGE, 2020).

O envelhecimento da população mundial é um fenômeno crescente. A evolução da medicina, as descobertas farmacológicas e a melhoria dos modos de vida, além da transição demográfica, que revela a passagem de um padrão demográfico de altas taxas de fecundidade e mortalidade, para um modelo em que os dois fenômenos são baixos, têm contribuído de forma significativa para esse aumento da população idosa. Essa realidade repercute em todos os campos sociais, sobretudo, nos planos econômico e social. No primeiro porque a economia se vê na incumbência de prestar auxílio ao grande número de reformados e, no segundo porque se deve ao desafio de gerar planos de infraestrutura para a adaptação e segurança desse público idoso, bem como da sociedade em geral (FREITAS, 2011).

No município de Castanhal/PA, onde ocorreu esta pesquisa, o aumento da população idosa foi significativo ao compararmos os dois últimos censos realizados nos anos de 2000 e 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os dados podem ser observados na figura exposta abaixo:

Gráfico 1 – População do município de Castanhal-PA, por faixa etária

Fonte de dados: IBGE (2010).
Organização gráfica: Marcos Felipe (2020).

Em 2010, o censo revelou que a população castanhalense totalizava 173.149 pessoas, sendo que desse total 12.186 eram pessoas acima de 60 anos, representando assim, aproximadamente, 7% da população do município. Embora os números referentes à população idosa caracterize um percentual menor em relação às outras faixas etárias é possível observar que esse público representa uma parcela significativa no município e revelou aumento expressivo de 4,5% em média entre as pesquisas censitárias realizadas em 2000 e 2010.

Enfatizamos que em razão da ausência de política censitária, pelo menos nos últimos oito anos, não foi possível apresentar dados atuais acerca da população geral, assim como da população idosa do município de Castanhal. Essa realidade nos desvela a importância de se garantir o levantamento censitário de quatro em quatro anos, para que se tenham dados populacionais sempre atualizados.

Nesse sentido, destacamos que não é possível supor dados, haja vista, existe um Instituto responsável pela produção dessas informações, mas que, há pelo menos duas gestões do Governo Federal não realiza esse levantamento.

2.2 O Campus Universitário da UFPA em Castanhal

Em 1965 o município passou a contar com as atividades de educação da Universidade Federal do Pará, através da implantação de cursos de extensão, entretanto, apenas no ano de 1973, a Instituição ofertou Cursos Polivalentes na cidade “e, com isso, o ensino de 1º grau foi implantado em todo município e na microrregião” (SANTOS, 2020, p. 86).

De acordo com Santos (2020), durante o período de 1965 até meados de 1994 o Campus de Castanhal atuava como uma instituição itinerante, haja vista, os cursos ofertados eram realizados em escolas e/ou estabelecimentos alugados pela Prefeitura de Castanhal, até que em abril de 1978 foi firmado o Convênio, entre a Prefeitura Municipal de Castanhal e a Universidade Federal do Pará formalizando a implementação de um Núcleo de Educação que garantiria a continuidade da Execução de Programas de Extensão no município, e em março de 1994, foi inaugurada a sede própria do Campus de Castanhal, a qual era constituída por apenas um grande bloco e coordenada pela professora Nazaré Sá. Na figura abaixo é possível visualizar a imagem do prédio, no ano de sua fundação, onde passaram a funcionar, então, as atividades Institucionais do Campus.

Figura 2 - Sede própria da UFPA - Campus Castanhal em 1994



Fonte: Arquivo do Campus Castanhal/UFPA (1994)

Atualmente o Campus oferta regularmente os cursos de Pedagogia, Letras-Língua Portuguesa e Letras-Língua Espanhola, Matemática, Educação Física, Sistemas de Informação e Engenharia de Computação, além do Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional e do Mestrado Acadêmico em Estudos Antrópicos na Amazônia, por meio das Faculdades de Pedagogia, Letras, Matemática, Educação Física e Computação, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Matemática e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, respectivamente.

2.3 O Programa Grupo de Educação na Terceira Idade – GETI

Esta pesquisa foi desenvolvida com pessoas idosas que frequentam o Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI), que é um Programa de Extensão da Universidade Federal do Pará, do Campus Universitário de Castanhal, situado no município de Castanhal/PA.

As Faculdades de Pedagogia, de Educação Física e de Computação apoiam efetivamente o GETI, por meio dos Projetos Atualização Cultural, Bem-estar físico e Inclusão Digital para pessoas idosas do GETI (IDIGETI). Nascimento, Anjos *et al* (2021), relatam que o Programa citado viabiliza ações concretas de educação, lazer, cultura e informática educativa, através da educação formal e não formal a pessoas adultas e pessoas idosas da comunidade, desde o ano de 1999.

Falcão (2019, p. 80) reitera que o projeto GETI foi elaborado pelos Professores Luiz Otávio Brito Ferreira e Neila Reis da Silva, e, atualmente, atende cerca de 150 usuários por ano, entre jovens, adultos e pessoas idosas, em sua maioria mulheres. O ambiente constitui “um espaço de convívio da família getiana e da comunidade acadêmica em geral”, de modo que esse público compartilha ativamente das atividades de pesquisa e extensão proporcionadas pelo Programa.

O Programa GETI se firma no legado do educador/escritor brasileiro Paulo Freire, o qual se destaca pelo comprometimento com a educação inclusiva e libertadora de homens e mulheres adultas e idosas que não puderam desfrutar de seus direitos enquanto crianças e/ou jovens, pessoas marcadas principalmente pela negação do direito à educação, “em situação de analfabetismo ou baixa escolarização, em especial mulheres, em estado de vulnerabilidade social,

econômica ao longo de suas histórias de vida” (NASCIMENTO; ANJOS *et al*, 2021, p. 186)

Destaco que o educador Paulo Freire lutou incansavelmente pela libertação dos oprimidos, pela conquista da igualdade social e em prol de uma educação extensiva que alcançasse todos os grupos sociais, sobretudo, os menos favorecidos, oportunizando-os a dimensão do exercício crítico e, por consequência, a emancipação da condição de alienação para uma posição de sujeito consciente e reflexivo diante das circunstâncias da vida.

Na obra *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire aborda essa luta pela desalienação e pela afirmação do ser humano como pessoa e não como objeto de manipulação, por meio da proposta de uma pedagogia diferenciada e voltada para o diálogo e reflexão. Nessa obra o autor relata que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão se comprometendo, na práxis, com a sua transformação; segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2013, p. 40)

Fundamentados por essa proposição de educação transformadora, o GETI tem desenvolvido ações educativas que valorizam a voz e as histórias de vida de seus integrantes. Nascimento, Anjos *et al* (2021), evidenciam que os projetos desenvolvidos pelo Programa GETI buscam favorecer reflexões acerca de diversos temas comuns na sociedade como racismo, violência doméstica, realidades opressivas, machismo e autoestima, sempre oportunizando o diálogo e respeitando a experiência de vida de cada um com a perspectiva de contribuir para o exercício da cidadania.

Ao longo dos anos o GETI tem desenvolvido atividades de educação escolar através do Projeto de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI), que, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Castanhal (SEMED)/Castanhal, tem garantido para esse público a concessão de lanches escolar, materiais pedagógicos, além de profissionais que atuam no Programa (FALCÃO, 2019).

No ano de 2019 o GETI contou com 20 alunos da 2ª etapa da modalidade EJAI, entre Jovens, adultos e idosos. As aulas no Programa são ministradas por

professores formados em Pedagogia, os quais desenvolvem o processo de escolarização pautado na do Paulo Freire, cujo trabalho se dedicou à educação popular.

Durante os anos de 2020 e 2021, de acordo com a atual Coordenadora do programa Ildete Falcão nos informou que, fundamentado pela Declaração de Emergência em Saúde Pública de importância Nacional, em decorrência do Coronavírus SARS-CoV-2, publicada pelo Ministério da Saúde no Diário Oficial da União em 04 de fevereiro de 2020 e, considerando as medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública declarada pela Organização Mundial de Saúde – OMS, no dia 11 de março de 2020, o Programa tem mantido ações remotas possíveis com o público alvo do Programa por meio do Whatsapp, com a divulgação de áudios e vídeo-aulas elaborados pelos/as professores/as e bolsistas.

Com base no pressuposto de que nem todas as pessoas que frequentam o Grupo têm acesso e/ou compreensão das tecnologias dos celulares e de internet, a Coordenação do GETI criou o projeto **Visita de Portão**, que, em parceria com a Coordenadoria de Infraestrutura do Campus de Castanhal, tem dado apoio aos membros do Programa por meio de visitas semanais e específicas.

Para que as atividades do projeto de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI), não cessem, a equipe pedagógica do GETI tem elaborado, imprimido e entregue as tarefas a serem desenvolvidas remotamente pelos alunos e alunas matriculados/as na turma de 2ª Etapa, seguindo as orientações da SEMED e do Conselho Municipal de Educação (CME) de Castanhal.

No ano de 2021 não foi possível formar a turma do Projeto EJAI devido à circunstância de pandemia, nos relatou a Coordenação do Programa, entretanto, a equipe do GETI não tem medido esforços para manter suas atividades em funcionamento e para preservar o vínculo com seu público, mesmo diante deste cenário.

3 ABORDAGENS TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE O FENÔMENO SOLIDÃO

Etimologicamente o termo solidão se refere a “só” e possui sua origem no latim *solus*, que tem como significado ‘estar sozinho’, ‘estar desacompanhado’ (CUNHA, 2002). Do ponto de vista psicológico o fenômeno solidão se caracteriza como um sentimento vinculado à ausência, ao vazio.

Röhr (2011, p. 93-94) salienta que em sua extensão emocional, a solidão “é definida como falta de seu contrário: a existência de vínculos emocionais de interligação positiva”, e que a sensação de solidão, até certo ponto, independe das condições externas, haja vista, pode ocorrer de pessoas viverem/morarem sozinhas, terem pouco contato social e não vivenciarem a solidão, enquanto que outras podem estar cercadas de convívio social, em rotina de ritmo pulsante e serem acometidas pelo fenômeno.

Carvalho (2011) referencia que a solidão, embora possa se manifestar como um sofrimento, também é capaz de representar uma oportunidade de reencontro consigo mesmo, configurando um momento de descobrimento de si mesmo enquanto ser de intimidade e de relação, muitas vezes conflitual, com o outro.

A partir das reflexões supracitadas, observamos que a solidão pode se apresentar no ser humano de várias formas, e que o estar sozinho nem sempre configura sentir solidão no sentido melancólico do fenômeno. É importante ainda mencionar que o contexto que abrange as sociedades de cada época pode inferir no surgimento dos sentimentos e comportamentos sociais.

Ao nos direcionarmos para os aspectos emocionais da contemporaneidade, por exemplo, observamos que a nova disposição da subjetividade moderna determina “uma crise da abertura para o outro que termina por interrogar as formas tradicionais da solidariedade pessoal, comunitária ou social e permite que a figura da solidão emergja com bastante evidência em nossa época” (MELO, 2011, p. 50).

Conforme Carvalho (2011), o sentimento de solidão jamais pode ser tratado como algo banal. Ignorá-lo é possibilitar a conversão desse fenômeno em um simples acontecimento social objetivo, ou ainda em um evento subjetivo controlável, o que pode vir a causar uma manifestação mais significativa do fenômeno, ou seja, a solidão como um fator de risco.

Capitanini (2000) nos mostra que filósofos e antropólogos indicam a existência de outras variáveis possíveis do fenômeno solidão, a saber: solidão

negativa, solidão existencial, solidão positiva, solidão crônica e, solidão temporária. Para melhor entendermos essas prováveis dimensões desse sentimento iremos demonstrá-las, individualmente, com base nas reflexões de Capitanini (2000):

Quadro 1: Extrato de variadas definições de solidão

VARIÁVEIS	CARACTERÍSTICAS
Solidão negativa	caracteriza-se pelo isolamento ou exílio social, no que diz respeito ao desprezo, à negação do outro
Solidão existencial	se refere à busca do encontro consigo mesmo, a calmitude espiritual, instrumento de autorreflexão
Solidão positiva	esta é vista como um elemento propulsor da criatividade, a 'solidão do artista', aquela que viabiliza a criação e a produção das artes
Solidão crônica	sugere a presença de patologias que conduzem o indivíduo a um possível processo destrutivo
Solidão temporária	vivenciada em decorrência de uma situação transitória, de crise psicossocial ou biológica, como por exemplo, a perda de alguém, separação conjugal, doenças, desemprego, entre outros

Fonte: a autora (2021), com base em Capitanini (2000).

Um aspecto relevante a se mencionar é que independentemente da idade, o ser humano está suscetível a vivenciar o fenômeno solidão, seja apenas em uma das suas possíveis dimensões, ou até mesmo, e mais angustiantemente, em várias ao mesmo tempo.

As maneiras em que o fenômeno se apresenta variam muito de acordo com a cultura e com o modo de vida de cada pessoa. Comumente as pessoas que vivem mais sozinhas, mais sedentárias e com uma rede de relações sociais e afetivas restrita, tende a ser mais acometida por solidão. Entretanto, isso não é uma regra, haja vista, estudos apontam que muitas pessoas optam por viverem sozinhas e não sofrem com esse sentimento. Sabe-se que uma das causas mais comuns da solidão é o isolamento, tanto social como emocional. Conforme Freitas (2011), o isolamento social está relacionado a uma lacuna existente na rede social do indivíduo, enquanto que o isolamento emocional deve-se à ausência de laços íntimos. Entendemos que a lacuna deixada pela rede social do indivíduo está vinculada a várias formas de preconceitos, como por exemplo, o econômico, o cultural e o religioso, além de outros, de modo que as pessoas muitas vezes preferem se isolar da sociedade a se

dispor a situações de discriminação. O agravante desse tipo de comportamento é que propicia o aparecimento de sentimentos como a ansiedade, fobias e a solidão.

No que concerne ao isolamento emocional, este se caracteriza por representar um mal estar psicológico, que pode ser gerado por situações conflitantes consigo mesmo. Esse tipo de isolamento fragiliza a capacidade de adaptação do indivíduo às situações vigentes e pode causar sérios problemas no sistema imunológico da pessoa.

Atualmente, no contexto de pandemia, os reflexos do isolamento têm sido bastante evidenciados e preocupantes. Tanto crianças, como adultos e idosos têm sofrido as consequências de um confinamento que limita o cotidiano e os horizontes. O medo da contaminação gera ansiedade e conduz as pessoas a rotinas desafiadoras e instáveis.

Esse cotidiano de inconstância e a insegurança são sensações que levam o ser humano a ter manifestações (muitas vezes graves) de desassossego e medo, o que pode gerar uma situação de solidão ou até mesmo de depressão. Nesse âmbito é válido ressaltar que sentir solidão nem sempre configura estar depressivo. Moreira e Callou (2006) evidenciam que o fenômeno solidão, quando correlacionado com a depressão, apresenta sentido indefinido, uma vez que, ao mesmo tempo em que é causa também é consequência e, assim como é sintoma, também é origem.

A solidão é um sentimento que o ser humano procura evitar, mas que não consegue, porque é um sentimento inerente ao homem. Furtado (2011, p. 190), ressalta que a solidão transpassa a existência humana, de modo que, “não há vida em completo estado de <<povoamento>> do ser, bem como não há vida sem momentos de solidão”, e ainda assevera que o fenômeno solidão por si somente não é uma condição fácil de definir. Enquanto, umas vezes, espelha uma circunstância de dor e sofrimento, outras, e necessárias vezes, apresenta a oportunidade de o ser humano olhar para dentro de si e procurar o que existe de melhor em seu íntimo, o que o reverte de força e o que poderá constituí-lo enquanto ser de caráter.

3.1 Solidão na velhice

O aumento populacional de pessoas idosas é evidenciado em todas as esferas da sociedade e ocasiona efeito direto nas relações familiares, na economia dos países, nos hábitos cotidianos e ainda na questão da equidade entre as gerações (FREITAS, 2011).

Andrade, Sena *et al* (2013) menciona que o índice crescente de pessoas idosas desafia a produção de políticas públicas de saúde que possam responder às necessidades dessas pessoas, uma vez que a proporção de usuários tende a ser maior, considerando o aumento desse público na população brasileira.

É importante pensar que esse público, cujo período de vida ativa se constituiu em uma realidade diferente em que não havia aparatos tecnológicos, como, telefonia móvel, internet e diversos outros meios de comunicação acessível em rede, apresenta diversas dificuldades de adequação diante da velocidade de informações, do conhecimento científico, das exigências profissionais e ainda do estreitamento das relações afetivo sociais. Todos esses fatores mencionados inferem expressivamente em seu cotidiano e muitas vezes provocam um mau aceitação do processo do envelhecimento.

O envelhecimento, geralmente correlacionado à ideia de descontinuidade estrutural, se evidencia quando a sociedade ignora a necessidade de garantir direitos, oportunidades e melhor qualidade de vida às pessoas na velhice. Neri (2001) faz referência às teorias de Erikson e Riegel que relacionam envelhecimento e desenvolvimento, sendo que o desenvolvimento alude aos cursos de vida que são construídos pela sociedade a partir de normas de comportamentos convenientes para cada faixa etária, e o envelhecimento concerne à diminuição da plasticidade comportamental do indivíduo na sociedade, ou seja, diminui a resiliência e a expectativa de se adequar-se ao meio social ao qual está inserido.

Neri nos revela que:

Na velhice fica resguardado o potencial de desenvolvimento, dentro dos limites da plasticidade individual. A plasticidade individual no desenvolvimento e no envelhecimento depende das condições histórico-culturais existentes durante um dado período, que se reflete na organização do curso de vida dos indivíduos e das coortes (NERI, 2001, p. 29).

Beauvoir (1990) afirma que a velhice é um fenômeno biológico, pois o organismo humano sofre alterações, singularidades que se apresentam com o tempo, afirma também que velhice ocasiona consequências psicológicas, considerando que há a transformação da relação do indivíduo com o mundo e com sua própria história.

O envelhecer é um processo que, segundo Beauvoir (1990) está correlacionado à ideia de transformação, entretanto, o ser humano, na grande maioria se comporta como se a velhice não representasse uma fase da idade claramente sinalizada.

Em termos biológicos, o envelhecimento compreende aos processos de mudanças do organismo a partir da maturidade sexual e provoca a diminuição progressiva da perspectiva de vida (NERI, 2008).

A autora enuncia em sua obra que:

Esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. Há um limite para a longevidade, o qual é estabelecido por um programa genético que permitiria ao organismo suportar uma determinada quantidade de mutações. Esgotado esse limite, o organismo perece. (NERI, 2008, p. 68).

Compreendemos que os desafios enfrentados pela pessoa idosa são expressivos e contínuos, pois se não bastasse toda a problemática da reação biológica do organismo ao envelhecimento e todo o processo de adequação, existe ainda as atitudes preconceituosas em relação à pessoa idosa, estereótipos depreciativos que refletem uma sociedade discriminatória e agressiva no ponto de vista psicológico. Neri (2008) ratifica que esse comportamento hostil tem um antigo percurso na história da sociedade e compreende em designar às pessoas idosas um conjunto de atributos desagradáveis e utilizar esse preceito para tomar deliberações sobre como lidar com elas.

Fatores como a discriminação e a indiferença contribuem de maneira significativa para que a pessoa idosa se sinta às margens da sociedade colocando-a vulnerável a diversas formas de sentimentos angustiantes, entre eles o medo e a solidão.

De acordo com Goldfarb (2006), a impressão de desamparo, o sofrimento e a violência, vivenciados na sociedade contemporânea pela pessoa idosa, quando

somados à ideia de finitude, ocasiona a falta de perspectiva de um futuro satisfatório, onde haja de fato equilíbrio afetivo, desfrute de direitos e lazer.

Os riscos reais, que envolvem a presença da violência física e psíquica, além da perda de direitos que foram alcançados ao longo da vida, provocam sensações de desproteção e geram impactos na saúde física e na subjetividade da pessoa idosa. Goldfarb (2006) reforça que:

A falta de habitabilidade do mundo, a falência do reconhecimento social, a atomização da família e as perdas funcionais provocam sofrimento excessivo, que subsume o ser humano em uma situação de desamparo, na medida em que o remetem à situação infantil de falta de autonomia e de extrema necessidade de proteção, deixando-o prisioneiro de um estado do qual parece não haver saída senão por meio de um retorno à situação de abandono e dependência (GOLDFARB, 2006, p. 78).

É importante mencionar que a pessoa idosa geralmente vivencia a sensação de inutilidade, que é reforçada, infelizmente, pela desvalorização de sua opinião, pela dificuldade de desenvolver atividades antes corriqueiras e pela exigência de conhecimentos atuais. É difícil para a pessoa idosa se adequar a acontecimentos novos e por isso essa exigência por mudanças gera tantas implicações.

Os fatores que envolvem o envelhecimento, somados à incerteza de um futuro próspero e/ou sossegado podem causar ainda a baixa da autoestima na pessoa idosa, seguida do desejo de isolar-se e da probabilidade de solidão, de modo que, a solidão, quando vivenciada pela pessoa idosa, afeta todos os aspectos de sua vida, sobretudo, suas atividades cotidianas, sua qualidade de vida e suas expectativas futuras.

Em termos subjetivos a pessoa idosa sofre com o sentimento de perdas, que estão relacionadas à morte de familiares, cônjuges ou amigos, diminuição da rede de relações sociais, rompimento das atividades profissionais, privação de algum órgão ou membro do organismo, além de outros fatores que ocasionam a necessidade de mudanças e readaptações.

Nesse âmbito, cabe mencionar que as reações da pessoa idosa mediante as perdas e a necessidade de readaptações são diversas e costumam revelar um pouco a história dessa pessoa, refletindo valores e níveis de relações constituídas ao longo de sua vida. Entretanto, o esforço feito para enfrentar essa sensação de

instabilidade geralmente afeta o equilíbrio psicológico e físico da pessoa idosa e implica negativamente em sua qualidade de vida.

As mudanças nem sempre são aceitas de forma simples. A pessoa idosa permanece em posicionamento de defesa, até mesmo quando lhe são resguardadas todas as garantias de proteção (BEAUVOIR, 1990). A autora afirma que o novo é visto com inquietação pela pessoa idosa, de modo que, fazer escolhas é algo que amedronta e causa insegurança. Para a pessoa idosa é mais fácil se apoiar em normas e ideias já preestabelecidas, pois o geram segurança e estabilidade emocional.

Ribeiro, Gama e Ramos (2020) mencionam que a solidão na pessoa idosa é despertada também pela carência afetiva ocasionada pelo estreitamento da rede social, inclusive pelo contato dos próprios familiares que subjagam e invisibilizam sua figura enquanto sujeito ativo.

Nesse sentido, cabe apontar que é essencial o apoio à pessoa idosa durante todo o decurso do envelhecimento, para que sejam evitadas situações de extremo sofrimento e para que essa pessoa se sinta como parte integrante da sociedade.

3.2 Redes de relações sociais na velhice

Entendemos a rede de relação social como o encadeamento de sentimentos sócio-afetivos existentes entre si. É constituída por familiares, pessoas e/ou organizações que possuem vínculos por apenas um ou mais tipos de relação entre si, e que compartilham de convicções e propósitos similares (BRASIL, 2020).

Os relacionamentos que compõem a rede de relações sociais podem se diferenciar na intensidade, e essa variação permite compreender o posicionamento aproximado do indivíduo “dentro de um sistema ou subsistema: se é mais ou menos ativo, se os relacionamentos vão para além dos vínculos directos” (FREITAS, 2011, p. 25).

A autora enfatiza que a importância de uma rede de relação social é definida a partir do número e da intensidade dos relacionamentos que fazem parte da vida de cada pessoa.

O grau elevado de relacionamentos sociais representa um aspecto essencial para se ter uma velhice bem sucedida. A pessoa em seu decurso do envelhecimento, quando amparada por laços afetivo-sociais, tende a sentir menos os impactos das mudanças e, conseqüentemente, vivenciar melhor qualidade de vida em sua velhice.

É importante ainda mencionar que o apoio das redes de relação fortalece a expressão identitária da pessoa idosa, haja vista, remete proteção, vínculo afetivo e bem-estar. Auxilia também no desenvolvimento de suas habilidades, tanto cognitivas, como físicas, agindo de forma significativa para a qualidade de vida desse grupo social.

Infelizmente nem todas as pessoas idosas têm apoio afetivo da família, amigos ou instituições. Muitas sofrem de abandono e desrespeito, o que causa desequilíbrio emocional, falta de perspectivas e recusa pelas necessidades de se adequarem ao meio em que vivem.

Fatores como esses citados, somados ao medo, geram a privação do desejo de esforçar-se para se ter uma vida mais satisfatória. Goldfarb (2006, p. 76), ressalta que “a falta de projeção em direção ao futuro corre o risco de levar à extinção do desejo de lutar pelo próprio bem-estar”. Sob esse ponto de vista, a pessoa idosa pode se sentir profundamente abalada e desenvolver propensão ao isolamento.

A pessoa idosa quando acometida pelo desejo de isolar-se, torna-se alvo fácil para o fenômeno da solidão em seu sentido mais negativo e penoso. Segundo Motta (2018) a solidão na velhice remete a lembranças de experiências positivas do passado, que comparadas ao momento atual de renúncias, leva a pessoa idosa a se sentir a margem da sociedade, sem importância e sem utilidade.

Beauvoir (1990) nos leva a refletir sobre o fato de que a pessoa idosa sofre com o enfado desse sentimento de inutilidade que é fortalecido pela indiferença que o mundo ao seu redor lhe concede. A autora também dá ênfase à questão de que a velhice não é um fato estático, e sim um processo que costuma ser negado pelas pessoas jovens como se fosse algo que dissesse respeito somente aos outros. Assim nos reforça a importância de que é essencial que o indivíduo olhe para a velhice como algo porvir:

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana (BEAUVOIR, 1990, p. 12).

A não aceitação do processo natural do envelhecimento reflete o desassossego do ser humano pela mudança e pelo decurso de sua própria existência. Todo ser humano é mortal e o envelhecer é uma etapa natural da vida que deveria ser esperada por todos, entretanto, percebe-se um descaso na maneira de tratar com o sujeito que chegou a esse estágio.

Esse comportamento hostil da sociedade para com a pessoa idosa, especialmente, retrata a falta de solidariedade para com o outro ou ainda a chamada 'solidariedade orgânica', que Durkheim *apud* Carvalho (2011) denominou assim por se fundamentar a partir de instituições politicamente organizadas, as quais consentem, de forma anônima, assegurar os cuidados e os direitos dos indivíduos. Embora esse tipo de solidariedade esteja relacionada à vida urbana, sabe-se que atualmente a carência de solidariedade acomete todos os grupos da sociedade, principalmente o público idoso.

Carvalho (2011) enfatiza que na sociedade contemporânea a inconsistência social caracterizada pela precarização por carência de uma solidariedade de grupos familiares, de amigos ou conhecidos próximos, favorece a vivência do fenômeno solidão e vulnerabiliza principalmente a condição da pessoa idosa, já que a remete a um estado maior de fragilidade e desequilíbrio emocional.

Em um contexto de isolamento, como o que estamos vivendo mundialmente, em virtude da pandemia ocasionada pela SARS-CoV-2 aspectos como os supracitados, fortalecidos pela perda da prática comum de ir e vir, se evidenciam e retratam uma sociedade indiferente, na qual a maioria das pessoas não se preocupa com a necessidade do outro. Nesse âmbito é comum a vivência do sentimento de solidão, que muitas vezes surge em decorrência do silêncio dos afetos e do distanciamento das relações, resultando assim no isolamento.

Carvalho e Baptista (2008) enfatizam que o alheamento do outro, a carência do olhar e o isolamento afetivo causam a solidão em seu sentido mais doloroso, considerando que esse fenômeno é um estado da alma e que tende a insinuar sentimentos de insatisfação, infelicidade e até mesmo uma depressão. Essas são

formas de solidão que podem vir a surgir a partir da angústia e do sombrio existente dentro de cada ser.

Nesse sentido, entendemos que esse fenômeno enquanto sensação de sofrimento é uma representação negativa que invade o íntimo de quem dela padece, pois coloca as suas vítimas em um envolto de desesperança, angústia, medo e privação (CARVALHO, 2011).

Dentre esses sentimentos, a privação se evidencia ao nos referenciar a pessoa idosa, tendo em vista que, na grande maioria, essa pessoa se sente privada de seus direitos de tomar decisões ou de ir e vir sem o consentimento de alguém, assim como do desejo de comer ou realizar atividades que lhe dão prazer. Essa condição de dependente gera na pessoa idosa a vulnerabilidade a situações de risco seguidas da pretensão de isolar-se.

Ao se isolar a pessoa idosa se entrega ao silêncio que acomete não somente suas expressões verbais, mas os gestos, os sentimentos e o olhar. Carvalho e Baptista (2008, p. 33) evidenciam que o fenômeno da solidão é um padecimento que evolui no silêncio, “ou porque o silêncio - ainda que com palavras - se torna insuportável e, a partir daí, se foge para o abismo”.

Nesse contexto, observamos que através do silêncio pode-se ouvir a si mesmo e desenvolver sentimentos diversos que podem variar de uma satisfação interior e uma possibilidade de redescoberta a uma forma de disfarce de sentimentos como o medo, a angústia e até mesmo sensações de inferioridade.

Segundo Teixeira (2010), o fenômeno solidão possui significado subjetivo e se manifesta a partir de diferentes causas. Sob esse âmbito cabe destacar que esse sentimento nunca deve ser ignorado ou diminuído a um caso sem importância, mas investigado em seu sentido mais amplo na expectativa de evitar situações de riscos e desconfortos.

Na seção seguinte iremos mostrar, a partir dos relatos das pessoas entrevistadas, as formas que esse fenômeno tem se apresentado na pessoa idosa e como tem sido a convivência dessas pessoas mediante as situações de solidão.

4 DA EXCURSÃO TEÓRICA AOS ESTILHAÇOS DE FALA DOS SUJEITOS ACERCA DA SOLIDÃO

Nesta seção faremos a discussão a partir da análise dos dados produzidos em nossa pesquisa. Enfatizamos que para respondermos aos objetivos deste estudo foi de fundamental importância entendermos as concepções e experiências de solidão acionadas pelas pessoas idosas do Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI) investigadas.

A análise dos dados foi realizada, desde as respostas orais dos entrevistados até as expressões dos sentimentos, gestos faciais e corporais e pausas advindas das buscas de memórias e ressurgimentos de experiências de solidão dantes vividas. Ressaltamos que o contexto de pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2 influenciou de forma precisa a conjuntura da pesquisa, bem como, as vivências das pessoas entrevistadas no que se refere às relações afetivo-sociais e experiências de solidão e os seus aspectos de aceitação ou negação.

No tocante a essas análises, foram realizadas de forma minuciosa, seguindo o método de investigação escolhido para essa finalidade com foco em cinco categorias analíticas, a saber: A relação com o envelhecimento: aspectos de aceitação ou negação; Cuidado e cuidador: o olhar das pessoas idosas; Envelhecimento e relação familiar: pontos de conexão contra a solidão; Solidão por definição e Solidão por experimentação, o que os permitiu finalizar nossa pesquisa e defender a Dissertação de Mestrado.

4.1 – A relação com o envelhecimento: aspectos de aceitação ou negação

Iniciamos nossa discussão abordando a questão da relação dessas pessoas com o envelhecimento. Para tal abordagem nos pautamos nos relatos das pessoas em resposta a seguinte questão: Como foi ou é, para o (a) senhor (a), lidar com o envelhecimento?

Percebemos que a relação das pessoas idosas participantes da pesquisa com a velhice se mostra a partir de três eixos de discussão. O primeiro é a negação e não aceitação do envelhecimento; o segundo é a atribuição a vontade divina na vida das pessoas e; a terceira é a percepção da chegada das limitações.

No que se refere a velhice e a não aceitação, Francisca afirma que:

Foi difícil... eu dizia: não vou! Eu não queria, eu não me sentia. A professora Ildete que me disse muita coisa, me ensinou muita coisa, aí depois que eu fui aceitando. Depois não... eu aceitei, mas eu dizia sempre para a professora Ildete: eu vou envelhecer de baton (risos). Minha preocupação era assim..., não era com a aparência, era de me sentir sozinha na minha velhice. Quem iria cuidar de mim, me levar ao banheiro?... e a alimentação? (...)

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2020, GRIFO NOSSO).

A não aceitação é demarcada por questões como não querer envelhecer, não se sentir velha, não abrir mão da vaidade, o surgimento do sentimento de solidão e a possibilidade da ausência de cuidados. Esses apontamentos de Francisca nos fazem refletir sobre as muitas faces do processo de envelhecer que normalmente não é aguardado.

Beauvoir (1990), reitera que a não aceitação da velhice é comum entre as pessoas adultas, que geralmente se comportam como se não fossem envelhecer. Entretanto, enfatiza que nada deveria ser mais esperada que a velhice, já que é parte do desenvolvimento humano.

A ideia de mudança relacionada a algo desfavorável gera resistência, dúvidas e anseios que normalmente tornam o processo de envelhecimento um desafio muito complexo não apenas para a pessoa que se encontra nesse decurso, mas também para a família que a acompanha.

A forma de enfrentar o envelhecimento está relacionada com a capacidade de adequação às mudanças que a vida requer de cada indivíduo. Neste caso, é preciso ver o envelhecimento como um processo gradual por qual passamos desde o nosso nascimento, envelhecendo um pouco dia após dia (ZIMERMAN, 2000).

Observamos nesse contexto de aceitação ou negação da velhice a existência da **solidão existencial**, ora mencionada por Capitanini (2000), como aquela solidão que reflete a busca e o encontro consigo mesmo. É importante realizar a revisão da vida para então se sentir parte dela.

Não podemos perder de vista na fala da Francisca o seu medo da solidão e da possibilidade da falta de cuidado como parte da solidão, foco no nosso estudo. Esse medo é tratado por Klein (2020) quando afirma que o sentimento de solidão se torna mais intenso quando está vinculado à sensação de desamparo.

A pessoa idosa se sente desorientada por não sentir que tem um ponto de referência, um apoio para as suas necessidades. Essa é uma primeira questão que julgamos promotora das experiências de solidão, o medo do que virá em relação a ausência do cuidado.

Sobre cuidado Boff (2005) afirma que cuidar é estar em harmonia com as coisa e/ou com outro. É estabelecer relação de convivência e comunhão e possui duas noções básicas, a saber:

Cuidado, pois, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro (BOFF, 2005, p. 29).

Quando o ato de cuidar se direciona a cuidar de alguém, Lemos (2018), pontua que essa atitude envolve essencialmente o compromisso de um ser humano para com o outro, e a partir desse compromisso se concebem as conexões e os significados do cuidar.

Parece-nos que o cuidado funciona como um tratamento, uma energia, uma força, contra a solidão. Pelo cuidado fortalecemos laços, encurtamos distâncias e construímos sentimentos de valorização, tão necessários em contraposição à solidão.

Quanto **a velhice como determinação divina** as entrevistadas Maria e Julia afirmam que:

É a vontade de Deus, a gente tem que aceitar, graças a Deus, porque antes eu pensei que eu ia primeiro que meu o marido, porque eu sou mais velha do que ele, aí de repente ele faleceu, aí eu fiquei, mas graças a Deus eu vivo bem

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Eu aceitei de boa, graças a Deus, porque a gente que crer em Deus aprende a aceitar as coisas

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Neri (2008) enfatiza que é comum a religiosidade desempenhar papel importante de amortecedor de acontecimentos cotidianos na vida do ser humano. A ideia de que Deus solucionará qualquer adversidade e que o sofrimento serve para purificar o espírito, bem como, a certeza de que a oração tem poder de cura e conforto, atua como auxílio para a adequação de uma rotina e alívio das ansiedades, medos e sentimentos negativos.

Há que se pensar que a velhice/solidão como consequência do ciclo da vida, desde as relações que se estabelecem entre pessoas ou que deixam de se estabelecer, deve ser enfrentada e cuidada a partir, também, dessas ausências/presenças humanas, ou ainda daquilo que se produz como necessidade advinda do humano, a exemplo da materialidade, ou seja, se a velhice/solidão se mostram como face do humano, porque atribuir a um Deus o gerenciamento da sua presença/ausência ou o modo como as experimentamos?

Importa destacar aqui que a solidão, assim como outras experiências dolorosas, violentas e excludentes, produzidas na e pela relação entre humanos dentro e fora da velhice, não tem outro caminho para sua redefinição, senão pelo próprio ser humano. Parece-nos cômodo atribuir a uma força poderosa aquilo que como humanos experimentamos, nos eximindo da responsabilidade de construir outros caminhos, rotas para viver a velhice com menor impacto da experiência com a solidão.

Infelizmente a religião tem sido utilizada por meio de uma teologia da prosperidade³ ou do pecado⁴ como veículo para manter a humanidade aprisionadas

³ A teologia da prosperidade é uma doutrina religiosa cristã que defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os cristãos e que a fé, o discurso positivo e as doações para os ministérios cristãos irão sempre aumentar a riqueza material do fiel. Baseada em interpretações não-tradicionais da Bíblia, geralmente com ênfase no Livro de Malaquias, a doutrina interpreta a Bíblia como um contrato entre Deus e os humanos; se os humanos tiverem fé em Deus, Ele irá cumprir suas promessas de segurança e prosperidade. Reconhecer tais promessas como verdadeiras é percebido como um ato de fé, o que Deus irá honrar.

⁴ Teologia do pecado: Segundo o catecismo da Igreja Católica (1993) a realidade do pecado, mais especificamente a do pecado original, somente é compreendida à luz da revelação divina. Sem o conhecimento e Deus não se pode reconhecer com clareza o pecado, e somos tentados a explicá-lo unicamente como falta de crescimento, como fraqueza psicológica, como um erro, como consequência inevitável de uma estrutura social inadequada.

em processos que lhe impede de avançar em relação ao que gera experiências de sofrimento e dor, a exemplo da solidão.

Um ponto interessante observado no relato da entrevistada Maria se reflete no fato de ela relacionar velhice à, quando pressupunha falecer antes de seu esposo pelo fato de ser mais velha que ele. Essa relação velhice-finitude é destacada por Netto (2002) quando refere que a velhice se define como a fase final do ciclo da vida humana, e ressalta que nesta fase ocorre a redução da capacidade funcional, além de surgirem sentimentos de solidão e prejuízos psicológicos, afetivos e motores.

É importante mencionar que o envelhecimento, embora esteja ligado a ideia de processo progressivo de mudanças desfavoráveis, reafirmamos que a forma de encara-lo é diferente em cada pessoa, desse modo, se caracteriza como uma dimensão heterogênea. Algumas pessoas o consideram como uma fase crescente de fragilidade e dependência do outro, outras já o caracterizam como algo que causa a diminuição das aptidões físicas e psicológicas do ser humano. Mas, há aquelas pessoas que o enxerga como um privilégio, período de grande sabedoria e equilíbrio (FECHINE;TROMPIER, 2012).

No que se refere **a velhice e a chegada das limitações** a pessoa idosa se sente insegura, pois irá se deparar com uma nova realidade. A adequação às mudanças exige da pessoa idosa enorme esforço, haja vista, esta se prende a hábitos já construídos anteriormente e lhe falta flexibilidade para aceitar novas rotinas e novos aprendizados (BEAUVOIR, 1990). Essa insegurança é expressa na fala de Margarida, quando faz a seguinte enunciação:

Foi difícil porque a gente vai perdendo muitas coisas. A saúde não é mais a mesma. A gente não quer aceitar que não pode mais fazer o que antes fazia (...) mas, graças a Deus, fui aceitando e hoje está tudo bem

(ENTREVISTA. MARAGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

Embora não seja comum, há pessoas que aceitam a velhice de forma natural, como algo que faz parte da vida do ser humano e que emana qualidade. Os entrevistados. Júlia e João nos evidenciam esse ponto de vista quando nos relata que:

Tem que aceitar porque todo mundo tem que envelhecer. É coisa normal que tem que acontecer. Então aceito, porque é natural da vida e só peço a Deus que me dê uma velhice saudável

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Eu me senti cada vez melhor. Agora vai aparecendo uma dorzinha no corpo aqui outra ali, mas depois que eu fui passando para a idade eu vivo bem

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Beauvoir (1990) reitera que quando ocorre a aceitação da velhice, o que a autora referencia como “bela velhice”, significa que a pessoa idosa encontrou seu equilíbrio físico e moral. E isso não quer dizer que o organismo dessa pessoa, suas aptidões de adequação psicomotora, assim como sua memória, sejam de uma pessoa jovem, mas que ela consegue vivenciar as experiências com constância e predisposição.

Nesse contexto, Neri (2005, p. 157) reforça que o bem-estar na velhice é subjetivo e que é resultado da reflexão que o indivíduo faz acerca de suas condições, suas capacidades e sua qualidade de vida. Essa capacidade de adequação às mudanças e às situações impostas pela vida, bem como, a atitude de estabelecer metas, ter autorespeito e autoconfiança é denominada *self*.

A autora ressalta que “Quanto mais rico e complexo é o *self*, maior chance de bem-estar e adaptação na velhice, porque essas qualidades permitem o exercício de múltiplos papéis e, assim, melhor senso de auto-eficácia, mais satisfação e menos depressão”. Desse modo, destacamos que é importante se conhecer para lidar melhor com os acontecimentos e ter satisfação pela vida na velhice.

Diante desse embate de aceitação x negação da velhice, ressaltamos que o envelhecimento, como citam Pinheiro e Areosa (2018), se efetiva de forma variável dependendo da cultura, período histórico, classe social, profissão, etnia e estilo de vida em que cada pessoa está inserida.

Dessa maneira, compreendemos que o processo do envelhecimento ocorre de forma muito particular em cada pessoa, e que as maneiras de lidar com as

transformações, tanto físicas como psicológicas, assim como, com as necessidades e postura de adequação, dependerá da experiência de vida de cada um.

Nas falas das pessoas idosas investigadas, nos chamou atenção a questão da autoestima na velhice. Os relatos das senhoras Francisca, Margarida e Maria expuseram que esse fator surge, muitas vezes, quando a pessoa idosa se sente sozinha/isolada, sem contato socioafetivo.

Ressaltamos, que os sentimentos relacionados ao isolamento e a sensação de baixa na autoestima, foram intensificados com o surgimento da pandemia (SARS-CoV-2):

É ruim a gente não poder sair. Os problemas, as vezes, ficam graves e a gente nem quer sair para se cuidar, se consultar ou fazer qualquer coisa

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2021, GRIFO NOSSO).

As vezes a gente perde a vontade de se arrumar, vai ficando meio triste, mas tem que aceitar. Se Deus quiser tudo vai passar

(ENTREVISTA. MARAGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

A gente perde um pouco a vontade de fazer as coisas, se arrumar... Não tem com quem conversar, não podemos sair

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

A autoestima é constituída por muitos e diversificados sentimentos e para que se tenha uma autoestima elevada é preciso que sejam sobressaídos os sentimentos de valorização própria, autorespeito e autoconfiança. Entretanto, no que se refere a questão do envelhecimento, é comum nos depararmos com preconceitos acerca da velhice, fato que impacta negativamente na autoestima da pessoa idosa (PARIOL *et al*, 2018). Esses preconceitos se mostram na hostilidade e indiferença à pessoa idosa, sem considerar a história de vida dessa pessoa e sua contribuição ao longo da vida à sociedade

Nesse contexto, Freitas (2011) ressalta outros fatores que causam a minimização da autoestima na pessoa idosa, os quais são: o isolamento social e a perda de papéis. A autora ratifica que esses aspectos são originadores também do sentimento de solidão e afetam diretamente o comportamento e a rotina da pessoa idosa. Podemos dizer que existe relação entre a baixa autoestima e a solidão. Esta última não resulta exclusivamente da primeira, mas é alimentada, em alguma medida, isso porque a autoestima também se constitui a partir do modo como nos vemos diante dos outros ou de como percebemos o modo como os outros nos vêem. Assumir uma autoimagem de incapacidade, fragilidade, lentidão, ou seja, o modo como me vejo, ou ainda me perceber como um fardo para o outro, dependente do outro com base no tratamento que se recebe (o modo como o outro nos vê), fragilizam a autoestima, gerando ambientes de isolamento e, portanto, de solidão.

Nas falas supracitadas percebemos que o isolamento durante a pandemia foi decisivo para a intensificação da insegurança e da solidão. Sobre esse sentimento de solidão Erbolato (2000) menciona que é comum a pessoa idosa se sentir só e que é fundamental que ela se sinta pertencente ao meio social para seu o bem-estar, já que, o outro é imprescindível para a formação e a manutenção da autoestima e da identidade de cada um. Entendemos, pois, que a rede de relações sociais exerce papel importante no sentido de evitar que o fenômeno da solidão se instale de forma invasiva na pessoa idosa, e que os bons relacionamentos representam expectativas de bem-estar consigo mesmo e com os diversos fatores que envolvem sua rotina.

Com o envelhecimento comumente surge as alterações de saúde, fato que leva a pessoa idosa ao estreitamento de sua inserção social e à necessidade de cuidados específicos e muitas vezes, de cuidadores. No próximo subtópico apontaremos algumas reflexões sobre os cuidados e cuidadores de pessoas idosas, a partir da necessidade de cada uma e dos relatos das pessoas entrevistadas neste estudo.

4.2 - Cuidado e cuidador: o olhar da pessoa idosa

Como sabemos a velhice não está vinculada a doença, entretanto, com o envelhecimento surgem diversas fragilidades em relação à saúde do ser humano, como, por exemplo, doenças crônico-degenerativas (LEMOS, *et al*, 2006). Com o aumento populacional de pessoas idosas surge também a necessidade de cuidados que devem ser estabelecidos e cumpridos por meio de políticas públicas que possam garantir à pessoa idosa sua saúde física e psicológica, em cumprimento ao Art. 15 do Estatuto do Idoso que rege a seguinte diretriz:

É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde - SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos (BRASIL, 2003, p. 14).

No tocante à necessidade de cuidados que a pessoa idosa apresenta, as incumbências específicas são executadas por uma instituição cuidadora ou então pelos próprios membros familiares. Das pessoas idosas entrevistadas, nenhuma possui doença degenerativa e constatamos que o papel de cuidador é desempenhado por pessoas da família, habitualmente por um (a) filho (a) mais velho (a), ou um membro que resida no mesmo lar.

A constatação partiu das respostas à seguinte pergunta: Tem alguma pessoa que atua como seu/a cuidador/a? Se sim, como é a relação entre vocês? A partir dessa desse questionamento se apresentaram as seguintes unidades de sentidos:

Não. Vive só nós dois, eu e o meu filho. Ele cuida de mim e eu dele (risos). É um menino muito bom... As vezes ele fica muito lá no quarto, porque jovem gosta de ficar no celular, e ele trabalha também, mas quando eu preciso ele vem, me ajuda muito. Eu mesma faço minhas coisas, graças a Deus, vou no supermercado, faço a comida...

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2021, GRIFO NOSSO).

Não. Quem cuida de mim é minha filha, ela que resolve tudo aí. Os outros me ajudam também, graças a Deus, mas, é mais ela que me ajuda

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Não tem

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Não, não tem. Meus filhos me ajudam muito

(ENTREVISTA. SOCORRO, 2021, GRIFO NOSSO).

Não tenho

(ENTREVISTA. MARAGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

Aquí vive nós dois, eu cuido dela e ela cuida de mim, graças a Deus

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Com exceção da Maria, observamos que, embora as pessoas investigadas sejam idosas e possuam algumas limitações, essas ainda desempenham papéis importantes, como a autonomia, a capacidade de cumprir algumas tarefas cotidianas além da predisposição em exercer atividades físicas, culturais e educativas ofertadas pelo GETI. Nenhuma delas possui cuidadores especializados e desenvolvem suas rotinas de acordo com a possibilidade atual de sua saúde.

Quanto à questão do cuidador ser alguém da família, Santos (2006) cita que o cuidador familiar não apresenta especificidades para o ato de cuidar de pessoas idosas, principalmente com doenças crônicas ou degenerativas. Muitas vezes esse membro cuidador tem dificuldades para identificar e reconhecer sinais iniciais que podem vir a desencadear uma patologia ou um estado que requeira atenção específica.

A demência, por exemplo, apresenta distúrbios iniciais ligados diretamente aos aspectos cognitivos, como lapsos eventuais de memória e mudança de comportamento que podem vir a ser interpretados como estresse ou mostras do gênio da pessoa. É preciso ter atenção para que a patologia não seja tratada com naturalização, como algo comum à velhice.

A função de um cuidador, dentro do contexto das famílias, não costuma ser uma escolha particular. Essa escolha geralmente ocorre mediante uma situação de adoecimento do membro idoso, e finaliza por se tornar uma responsabilidade do familiar mais próximo, no sentido físico, ou por determinação de outros integrantes familiares. Cuidar de pessoas idosas nesse contexto familiar não é tarefa fácil e esse cuidar é estabelecido e fundamentado pelo contexto das relações entre a pessoa que cuida e a pessoa que é cuidada, pela condição das necessidades da pessoa idosa e pelas condições físicas, psicológicas e materiais do cuidador (LEMOS, 2018).

Nesse âmbito de pessoa que cuida e pessoa que é cuidada, a sra Maria faz a seguinte afirmação:

“Quem cuida de mim é minha filha”

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Diante dessa declaração, e com o levantamento sobre o núcleo familiar da entrevistada Maria em mãos, constatamos que a sua filha que atua como sua cuidadora também se trata de uma pessoa idosa, aparentemente, em condições físicas e psicológicas mais favoráveis. João também nos relatou ser cuidado por sua esposa que tem 67 anos e ainda reforçou que ambos se cuidam, ou seja, pessoas idosas que se cuidam mutuamente.

Olha dona... quem cuida de mim é a Benedita. Um cuida do outro, graças a Deus

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Sobre essa realidade muito comum e as vezes não revelada, de pessoas idosas cuidando de outras pessoas idosas, Lemos (2018) nos leva a refletir sobre o fato de muitas vezes esses cuidadores idosos necessitarem tanto, ou até mais, de atenção e cuidados que a pessoa que está sendo auxiliada.

A autora nos esclarece que:

A condição de cuidador ou cuidadora assumida na velhice vai implicar diretamente no cuidado que essas pessoas dedicam a si mesmas e essa realidade, podemos dizer, é uma via de mão dupla. Para que seja possível cuidar de outro é fundamental que o cuidado para consigo mesmo seja entendido como uma necessidade, algo que quase nunca acontece. Estamos falando do cuidado de si (LEMOS, *et AL*, LEMOS, 2018, p. 20).

Outra questão que merece destaque é o fato de que a figura do cuidador/a é ocupado na grande maioria de vezes por mulher. Dentre as muitas reflexões possíveis de serem tecidas, nos parece razoável destacar que, infelizmente a sociedade ocidental, marcada pelo patriarcado imputa as mulheres determinados lugares, vinculado-as diretamente a questão de gênero, como o ato de cuidar.

Todavia, é necessário expor e combater esse tipo de *constructo* social que enquadram as mulheres a um lugar que deve ser concebido como parte da natureza humana e não da natureza feminina. Homens e mulheres devem assumir a tarefa de cuidar para impedir, inclusive, sobrecarga de trabalho.

Sobre esse ponto, Montenegro (2018, p. 2) afirma que:

Quando se fala em cuidado, a figura da mulher continua sendo “naturalmente” identificada no imaginário social como responsável, sob a justificativa dos “atributos femininos” serem mais adequados para tais tarefas. Sabe-se, através dos estudos feministas, que estas visões são decorrentes das construções sóciohistóricas e econômicas das desigualdades entre os sexos nas relações sociais, presentes historicamente nas opressões vigentes em uma sociedade patriarca (MONTENEGRO, 2018, p. 2)

Destaca ainda a referida autora que embora o protagonismo da mulher na sociedade tenha se ampliado ao longo da história, “não se verifique a redução dos papéis que tradicionalmente lhe são atribuídos, a exemplo do cuidado das crianças, dos pais, dos tios, e das demais pessoas cujas situações requerem cuidado contínuo” (MONTENEGRO, 2018, p. 8-9).

Em nossas entrevistas constatamos que, enquanto algumas pessoas idosas necessitam de auxílio para se sentirem mais seguras, outras se demonstram

capazes de desempenhar suas funções e tomadas de decisões, como as senhoras Francisca, Júlia, Socorro e Margarida. Essas entrevistadas relataram que, apesar de receberem o apoio dos filhos, elas próprias desempenham as funções de donas de suas casas:

Eu que faço as coisas, me cuido, graças a Deus. Tenho um casal de filhos que eles se preocupam muito comigo, meus irmãos também

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Eu, graças a Deus, vou fazendo as coisas devagar

(ENTREVISTA. SOCORRO, 2021, GRIFO NOSSO).

Eu faço minhas coisas, cuido da casa

(ENTREVISTA. MARGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

Percebemos nessas descrições a presença da autonomia que representa uma perspectiva de grande importância na velhice. O entrevistado João, também se mostra independente e autônomo. Ele nos relatou que resolve tudo, desde as compras até as decisões da casa, entretanto, a sua esposa é quem cuida dos afazeres domésticos.

Aquí eu que cuido dos negócios da casa, vou fazer compras... mas a Benedita, olha dona, essa mulher é zelosa, a sra, precisa ver a casa!

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Aqui o que pode parecer, por um lado, exercício da autonomia, por outro lado expressa a diferenciação do trabalho em razão do gênero, ou seja, quem decide, compra e quem ocupa as tarefas domésticas. Montenegro (2008, p. 2) menciona que as visões históricas de desigualdade de gênero que afeta a mulher são resultantes “das construções sócio históricas e econômicas das desigualdades entre

os sexos nas relações sociais, presentes historicamente nas opressões vigentes em uma sociedade patriarcal”

De todo modo, a sensação de autonomia na pessoa idosa representa papel importante nessa fase da vida. De acordo com Cunha *et al* (2012), mesmo que a pessoa idosa apresente saúde debilitada é de fundamental relevância, respeitando o grau de instabilidade de cada um, estimular a autonomia dessa pessoa, por meio de medidas simples como, por exemplo a escuta ativa, demonstrando interesse pelo que é pronunciado.

Outra forma de auxiliar a pessoa idosa na questão da autoestima é estimular a participação dessa pessoa em grupos convivência, pois esses grupos têm como finalidade recuperar, preservar e viabilizar a autonomia da pessoa idosa (MEDEIROS *et al*, 2019). Esse fato nos foi confirmado pelas falas das pessoas idosas que entrevistamos, as mesmas enfatizaram várias vezes que O Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI) representa para elas grande suporte em relação à suas angústias e suas necessidades de conhecimentos, bem como, atua como impulsionador da busca de autonomia, do reconhecimento dos direitos como cidadãos e dos elementos que as fazem se sentir sujeitos pertencentes e importantes para a sociedade:

O GETI para mim é tudo. Ele transformou minha vida... me mostrou um caminho quando eu estava passando por um momento muito difícil...

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2020, GRIFO NOSSO).

Ah, o GETI para mim representa assim algo bom. Depois que eu fui para lá eu comecei fazer exercício, aí me senti melhor. A gente se sente bem fazendo as atividades

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Quando chega a hora de ir para o GETI, a gente nem pensa em nada. Não pensa no sol, não pensa na chuva.... eu ando muito até pegar o ônibus, mas é bom demais

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Queremos evidenciar, entretanto que apenas a coexistência da pessoa idosa em grupos de convivência não é o suficiente para uma velhice digna e satisfeita. O contato e o apoio dos membros da família é fundamental para que a pessoa idosa se sinta querida e segura.

No tocante à questão do relacionamento das pessoas idosas entrevistadas com seus membros familiares, iremos abordar no sub-tópico seguinte os pontos de conexão que atuam como combate aos sentimentos de solidão, enfatizando a relevância das boas relações familiares para o bem-estar da pessoa idosa.

4.3 – Envelhecimento e relação familiar: pontos de conexão contra a solidão

Para abordarmos a temática sobre a relação familiar, partimos do questionamento: Como é sua relação com as pessoas com quem mora (família)? Se sente bem ou tem algo lhe incomoda? Antes de tudo, é necessário apresentar uma definição de família. Segundo Montenegro (2008, p. 5), a ideia de família vem sofrendo alteração ao longo da história. Para ela, família é entendida como um “grupo social formado por múltiplas determinações sociais, econômicas e culturais, estabelecendo relação dinâmica e contraditória no seu interior e na relação com a sociedade e o Estado”

As pessoas que entrevistamos relataram possuir boa relação com os membros familiares que convivem na mesma residência e também com os membros, filhos e filhas adultos, que já formaram família e que já saíram de casa. Essa boa relação com os membros familiares é de fundamental importância em todo o decurso do envelhecimento, pois o conforto instituído pela presença de entes queridos, mesmo que a pessoas idosas não necessite de ajuda para as atividades diárias, gera bem-estar biopsicossocial (AZEVEDO e MODESTO, 2016).

Ao direcionarmos a pergunta à Francisca, essa nos relatou que vive com o filho mais novo e que suas relações de afeto e cuidado são recíprocas:

Graças a Deus meu filho é um menino bom, não gosta de sair. As vezes eu que mando ele sair, aí ele diz: tem mãe que briga para o filho não sair, a senhora briga porque eu não saio (risos). Mas, nós temos uma amizade boa, porque ele me ajuda. Se eu disser: meu filho eu quero tal coisa! Ele dá um jeito de fazer o que eu peço.

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2020, GRIFO NOSSO).

João relatou não ter contato frequente com os filhos, justificando que todos moram em outros estados, entretanto, afirma ter uma relação de companheirismo, respeito e cuidado mútuos com a sua atual esposa:

Nós vivemos bem, graças a Deus. Vivo satisfeito com ela. Os filhos moram todos longe, eles não vêm aqui... é difícil

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Para a pessoa idosa esse tipo de relação de trocas de cuidados e afetos com os membros familiares ou até mesmo com amigos e vizinhos atua como propulsor de satisfação na velhice haja vista, os relacionamentos sociais são essenciais para a saúde física e psicológica da pessoa idosa, contribuindo para a autoestima e para uma melhor qualidade de vida, além de dificultar o surgimento de qualquer sentimento relacionado a experiência da solidão (CAPITANINI, 2000).

É importante na velhice a pessoa idosa não se sentir sozinha, o amparo da família representa um combate expressivo contra a sensação de isolamento, uma vez que, a experiência da solidão costuma se fazer presente no silêncio, na falta dos amigos, na ausência da família. Capitanini (2000) refere-se a essa solidão experienciada pelo isolamento, como **solidão negativa**, pois, reflete um sentimento de rejeição, de abandono.

Para que a pessoa idosa não se sinta rejeitada ou imperceptível é indispensável que a família compreenda as novas necessidades dessa pessoa

enquanto ser velho. Muitas famílias sentem dificuldades para compreender as mudanças de papéis por quais a pessoa idosa transita e diante desse fato se torna de fundamental relevância que os membros familiares de pessoas idosas adquiram conhecimentos para lidar com situações desse porte. A família deve ajudar a pessoa idosa a viver mais e em melhores condições no seio familiar, de modo que, não se torne um fardo para si e para os que vivem aos seus arredores. É preciso, pois, que a pessoa idosa se sinta membro integrante do sistema familiar (ZIMERNAM, 2000).

Não somente a rede familiar, mas toda rede de relação social é significativa na vida da pessoa idosa, pois possibilita o bem-estar subjetivo e a satisfação de viver. Do ponto de vista dos afetos e da segurança, as redes familiares e de amizades são as mais relevantes, entretanto, em caso de pessoas idosas que vivem sozinhas, a rede de relação das vizinhanças são as que mais atuam como suporte e corresponsabilidade, que são cruciais para hostilizar as sensações de solidão e de isolamento (FREITAS, 2011).

Capitanini (2000, p. 78) reforça, nesse sentido, que os relacionamentos sociais são relevantes “para o bem-estar físico e mental na velhice e, embora a solidão se torne uma ocorrência mais possível na velhice, pode-se envelhecer sem solidão nem isolamento”.

É boa, graças a Deus. Meus filhos cuidam de mim. Ela (aponta para filha mais velha) faz as coisas aqui em casa e na casa dela. Mas a gente vive bem, graças a Deus

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Graças a Deus a gente vive bem. Meus filhos, meus irmãos... um ajudando o outro, graças a Deus

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Ah, minha relação é boa. Meus filhos me ajudam muito e vivemos bem assim

(ENTREVISTA. SOCORRO, 2021, GRIFO NOSSO).

Nós vivemos bem, graças a Deus. Vivo satisfeito com ela. Os filhos moram todos longe. Eles não vêm aqui... é difícil

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

Com base nessas unidades de sentido, percebemos que família se vincula, por um lado, a questões como cuidado, ajuda mútua, e por outro lado a distância em razão da geografia. Os deslocamentos de membros das famílias em razão de trabalho, casamento, das projeções pessoais geram impossibilidades de convivência e de cuidado. Esses deslocamentos revelam outra questão que incide diretamente na vida em sociedade. Trata-se dos desafios em relação ao acesso ao mundo do trabalho, o que implica, sobremaneira, das possibilidades dos filhos de se manter ou não próximos de seus pais. No caso do norte e nordeste do Brasil, esses deslocamentos, historicamente, são acentuados. Podemos afirmar que as impossibilidades de acesso ao mundo do trabalho na nossa região impulsiona muitos paraenses em busca de outros estados e/ou regiões gerando fissuras entre a responsabilidade de cuidado dos idosos e a necessidade de sobreviver.

4.4 – Solidão por definição

Nesse subtópico trazemos algumas conceituações do fenômeno solidão a partir do olhar das pessoas idosas entrevistadas. Para chegarmos a tais concepções fizemos uso das respostas à pergunta: O que é a solidão para (a) senhor (a)?

A entrevistada Francisca nos declarou que a solidão para ela é um sentimento ruim, que remete a perda de alguém e que gera saudade e lamento:

Solidão é assim um sentimento ruim. Eu senti muita solidão quando eu perdi meu irmão. Era um irmão pai para mim. Ele estava sempre me ajudando, se preocupando. Eu sinto até hoje a falta dele. Ai é ruim, as vezes eu choro...

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2020, GRIFO NOSSO).

Capitanini (2000) descreve essa variável de solidão como **solidão temporária**, que decorre de um evento de transição na vida do indivíduo, dentre esses eventos pode-se citar a perda de um ente querido, desemprego, acidentes e saída dos filhos de casa. A maioria das pessoas entrevistadas relacionou o conceito de solidão ao fato de estar sozinho, desacompanhado, como podemos observar nos relatos abaixo:

Eu acho que solidão é quando a gente sente aquela tristeza, quando não tem ninguém, aí a gente se sente solitária...

(ENTREVISTA. SOCORRO, 2021, GRIFO NOSSO).

É quando a gente vive só. Hoje eu vivo bem com essa mulher. Essa mulher, dona, vou lhe contar... é muito boa, mas eu já senti muita solidão dona, quando eu fiquei sozinho... sofri muito

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

A pessoa idosa quando vive sozinha em casa, a família não dá atenção, não sai de casa... fica sozinha. Para mim isso é solidão

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Embora percebamos que a solidão seja relacionada ao estar sozinho é válido destacar que o estar só não significa vivenciar o fenômeno solidão, no entanto, o encontrar-se só é uma condição desfavorável que causa muitas vezes a presença desse sentimento em sua forma adversa (CAPITANINI, 2000). A solidão pode também estar relacionada ao sentimento de desprezo e de desrespeito à pessoa idosa. Nesse caso, o fenômeno surge a partir da negligência da família em garantir que essa pessoa idosa usufrua dos direitos que lhe são concedidos e da falta de atenção às suas necessidades.

Solidão é quando a pessoa se acha sozinha, não tem quem cuide, se sente desprezado, que nem acontece com a gente... em muitos que idosos por aí que a família despreza. As vezes tem o dinheirinho que a família que recebe e o idoso nem vê...isso é solidão né? Depois de ter para sobreviver e os outros tiram...

(ENTREVISTA. MARIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Percebemos que a solidão nesse âmbito se apresenta como uma reação emocional de insatisfação que decorre pela falta de relações pessoais significativas, e que inclui algum tipo de isolamento (PINHEIRO, TAMAYO, 1984).

Beauvoir (1990, p. 568-569) nos revela que o sentimento de tristeza na pessoa idosa não é provocado por um fato sucedido, ou eventualidade. A solidão “se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que só lhes tem indiferença”.

Percebemos que a solidão comumente está atrelada à questão do isolamento, essa apresentação da solidão é indicada pela Júlia que nos define a solidão da seguinte forma:

A solidão para mim é quando a pessoa é afastada. As vezes a família não dá atenção, aí a pessoa se sente excluída

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

Leão, Ferreira *et al* (2020) afirma que desconexão da pessoa idosa com o meio social a coloca em risco maior para o progresso dos danos de saúde como a ansiedade e a depressão. Esse ponto evidencia novamente que a rede de relações sociais exerce papel importante no sentido de evitar que o fenômeno da solidão se instale de forma invasiva na pessoa idosa, e que os bons relacionamentos representam expectativas de bem estar consigo mesmo e com os diversos fatores que envolvem sua rotina.

A solidão dentro desse contexto de isolamento atua na pessoa idosa de forma muito intensa e problemática. Freitas (2011) afirma que esse tipo de solidão requer atenção imediata, pois, possibilita situações de vulnerabilidade à depressão e a problemas de saúde física. Por apresentar a probabilidade de gerar um estado

patológico no indivíduo, Capitanini (2000) se refere a essa solidão como **solidão crônica**, por conduzir a pessoa a um processo destrutivo associado ao adoecimento.

Margarida nos relata que:

Solidão para mim é um sentimento que deixa a gente triste, sem vontade de sair. Sente vontade de chorar... é ruim sentir solidão, mas tem gente que gosta não é?

(ENTREVISTA. MARGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

Essa fala nos reporta a outra variável de solidão, denominada por Capitanini (2000), como **solidão positiva**. Essa solidão atua como elemento propulsor da criatividade e é evidenciada pelos artistas como um momento de busca da expressão artística. Já Carvalho (2008) se refere a essa solidão como um momento de desenvolvimento existencial, o encontro consigo mesmo.

4.5 – Solidão por experimentação

Nesse último sub-tópico, com base nos conceitos de solidão citados acima, iremos demonstrar, por meio das falas das pessoas idosas entrevistadas, o lugar de contradição do outro em relação a pessoa idosa e a experimentação da solidão. Para chegarmos a esses resultados, nos pautamos nas respostas à pergunta: Costuma se sentir sozinho ou triste? Se sim, me explique o por quê?

As vezes eu me sinto sozinha. A gente as vezes diz que não precisa de homem, mas precisa sim! Tem coisa que a gente não consegue fazer que só o homem faz. E as vezes eu me sinto sozinha, assim... falta de uma companhia. As vezes a gente não ter um marido é ruim, mas as vezes eu vejo amiga minha que tem e sofre tanto, aí eu fico pensando assim: será que ia cuidar de mim? Ou será que ia tirar meu sossego. Eu fico pensando assim...

(ENTREVISTA. FRANCISCA, 2020, GRIFO NOSSO).

As consequências **psicobiológicas** da solidão refletidas na depressão.

Em alguns momentos eu sinto. Eu tenho um problema de saúde que me deixa muito triste as vezes. As vezes eu me sinto deprimida... não é todo dia, mas tem dia que eu me sinto muito sozinha, bate aquela tristeza...da vontade de chorar... tem dia que eu estou diferente...Tem dia que eu estou feliz, alegre.. e tem dia que eu fico deprimida, mas eu procuro conversar, fazer alguma coisa para ocupar. Eu não me entrego. Foi mais por isso que eu procurei o GETI

(ENTREVISTA. JÚLIA, 2021, GRIFO NOSSO).

A normalização da solidão como experimentação

Eu me sinto as vezes tão só, vazia.. .Agora com essa pandemia os filhos demoram vir aqui e eu me sinto só assim. Mas antes da pandemia era melhor. Mas eu acho que normal a gente se sentir assim as vezes, porque não é todo dia

(ENTREVISTA. SOCORRO, 2021, GRIFO NOSSO).

O sofrimento, a tristeza como experimentação da solidão

Olha doutora, eu passei um tempo sozinho, mas dona eu estava sofrendo! Depois, graças a Deus, Deus falou com ela e ela voltou...graças a Deus deu tudo certo e hoje eu vivo bem

(ENTREVISTA. JOÃO, 2021, GRIFO NOSSO).

As vezes eu sinto. A gente começa a pensar nas coisas que estão acontecendo, essa pandemia deixa a gente triste se sentindo sozinha. A gente teve que ficar em casa aí perde a vontade de se arrumar. Fica cm medo de sair... Aí eu me sinto sozinha assim

(ENTREVISTA. MARGARIDA, 2021, GRIFO NOSSO).

Com base nos últimos sub-tópicos, sobretudo, sobre conceitos de solidão e experimentação de solidão da seção de análise dos dados, percebemos que a manifestação da solidão em suas variáveis, como cita Capitanini (2000) e conforme quadro que montamos (p. 8), a partir das colocações da autora. Essas variáveis, a saber: solidão negativa, solidão existencial, solidão positiva, solidão crônica e solidão temporária, se apresentaram nos discursos de nossos entrevistados nos levando a refletir, durante nossas análises, sobre cada uma delas, suas causas e possíveis consequências na vida do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste estudo partimos da indagação que nos levou a querer saber quais elementos sócio/pessoais mais contribuem para a experimentação da solidão entre pessoas idosas do Programa Grupo de Educação na Terceira Idade (GETI)/UFPA? Diante de tal questionamento traçamos objetivos que nos direcionaram na busca de respostas e reflexões acerca do tema da pesquisa. Esses objetivos corresponderam em investigar, de modo geral, os elementos sócio/pessoais que causam a experiência de solidão entre pessoas idosas do GETI e; mais especificamente, em refletir a experiência de solidão e analisar as implicações dessa experiência vivenciada por pessoas idosas do GETI/UFPA.

Com a execução da pesquisa chegamos a algumas constatações que ensaiam em responder às indagações do estudo. A literatura estudada nos permitiu perceber que a temática da solidão se faz bem presente na vida do indivíduo e em especial na vida da pessoa idosa.

Esse fato pode ser observado principalmente a partir dos desafios que esse público enfrenta diante da necessidade de se adequar às mudanças que surgem durante o processo do envelhecimento e para se manter estável diante da sensação de perdas. Mota (2018, p. 89) nos leva a refletir que na velhice

A solidão adquire configuração especial, porque remete, comparativamente, às experiências passadas, ou ao que se conseguiu fazer com elas. Ponto de chegada de longa trajetória de vida, pode revelar perdas, ou ganhos inexpressivos e, sem ater-se exclusivamente à subjetividade, expressa também a marginalidade social de que quase todo velho ou velha é objeto (MOTA, 2018, P. 89).

A discriminação para com a pessoa idosa é um fator agravante, pois contribui para o fortalecimento dos sentimentos de insegurança, baixa auto-estima e sensação de inutilidade. Entretanto é preciso destacar que o envelhecimento é encarado de formas diferentes por diferentes pessoas se caracterizando como uma dimensão heterogênea e, por isso, não deve ser relacionado a algo desfavorável. O que para algumas pessoas expressa uma fase de crescente fragilidade e dependência do outro, para outras já configura um estágio de privilégio, período de grande sabedoria e equilíbrio (FECHINE; TROMPIER, 2012).

No que concerne à questão do olhar da pessoa idosa sobre o envelhecimento constatamos que a maioria se preocupa primeiramente com fatores relacionados aos cuidados necessários que precisarão em sua velhice. A iminência de situações que requerem mudanças ocasiona vários sentimentos de incerteza, de insegurança e muitas vezes de resistência. Para Zilmernan (2000), o processo de envelhecimento requer adequação gradual, de modo que a sua aceitação está diretamente relacionada aos ajustamentos das situações ao longo da vida.

Nesse processo de transição percebemos o papel da família e as relações intergeracionais sendo reelaboradas. Filhos que cuidam dos pais e desenvolvem atividades de suporte.

É importante ressaltar ainda a necessidade de se valer os direitos e os deveres da sociedade em relação à pessoa idosa que são regidos, tanto pela Constituição, como o Estatuto do Idoso, cuja finalidade é preservar a dignidade e a qualidade de vida desse público. No entanto, é indispensável destacar que a sociedade precisa conhecer e valorizar essas leis e tratar as pessoas idosas como sujeitos ativos e significativos, dignos de desfrutar de seus direitos e viver em segurança. A sociedade, pois, pode proporcionar o avanço das lutas pelos direitos das pessoas idosas, pela dignidade do envelhecimento e pelo cumprimento das leis (BETTINELLI; PORTELLA, 2004).

A velhice quando percebida como a chegada de restrições e associada à decadência, afeta demasiadamente a pessoa que se encontra nessa passagem para o envelhecimento, que tende a não se olhar como velha e a não aceitar as circunstâncias, visto que, trata-se de um processo que fora visto como algo que não lhe diz respeito. Beauvoir (1990) discorre sobre a questão de olharmos incrédulos para a imagem do velho como condição futura de todos nós, e ressalta que a velhice antes que se caia sobre nós, é algo que só diz respeito ao outro. Assim, entendemos que a negatividade do que é envelhecer promove a dificuldade de aceitação e, sobretudo, a adequação aos processos que envolvem a velhice, que, junto às inseguranças e ansiedades, podem viabilizar a solidão.

Em contrapartida ao anseio pelo envelhecer constatamos, entre os entrevistados, a aceitação da velhice como algo determinado pela vontade divina e, nesse caso, percebemos a crença como fator predominante, ou seja, Deus determina que o ser humano deve envelhecer e, por isso, devemos aceitar as condições que nos são estabelecidas. Neri (2008) nos leva a refletir que a

religiosidade geralmente é fator minimizador determinante das situações adversas que acometem a pessoa idosa. Por meio da fé e de atividades relacionadas à religiosidade, a pessoas idosas encontra forças e apoio para enfrentar os desafios do envelhecimento.

Observamos ainda, a partir das falas das pessoas entrevistadas, que o bem estar na velhice também está relacionado aos cuidados e atenção que a pessoa idosa recebe. Beauvoir (1990) enfatiza que o equilíbrio afetivo desse público procede principalmente do bom relacionamento com os filhos. Quando essa relação não ocorre de forma satisfatória, a pessoa idosa tende a sentir mais as situações desfavoráveis da velhice. Assim, percebemos a partir dos relatos da pesquisa que o cuidar, o amparo à pessoa idosa, diante suas incertezas e angústias, são essenciais para uma velhice mais saudável, tanto do ponto de vista biológico, como psicológico, pois contribui para a aceitação do envelhecer, melhoramento da autoestima, da autoavaliação positiva e da satisfação pela vida.

Destaca-se ainda, que é de fundamental importância estar atentos para a identidade da pessoa idosa que está a surgir, para que essa pessoa seja mais compreendida e respeitada junto à sociedade.

Um ponto relevante a se levantar diz respeito ao fato de que não somente a boa relação com a família é importante suporte para a pessoa idosa, mas também a relação com o meio e com pessoas próximas. Entre nossos entrevistados tivemos a oportunidade de acompanhar a realidade de uma pessoa idosa que vive sozinha, e, nesse caso, a relação de apoio e cuidados está fortemente ligada à vizinhança e amigos.

Segundo Freitas (2011), a rede de relações com vizinhos atuam como abrigo e são fundamentais no combate à sensação de solidão e desamparo.

Embora já tenhamos citado, queremos evidenciar que a pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2 influenciou diretamente na vida das pessoas idosas. A partir dos relatos percebemos nitidamente o receio e a insegurança mediante o cenário. A frequente presença de situações adversas e fatores relacionados à perda, tanto de entes queridos ou familiares, como da própria liberdade, exigiu uma rotina de prevenção e isolamento de difícil adaptação, o que impulsionou o surgimento e/ou a intensificação do fenômeno solidão na vida dessas pessoas. Um dos acontecimentos mais presentes e apreensivos relatado pelos entrevistados diz respeito à ausência dos filhos, dos netos e dos amigos durante esse cenário.

A falta de contato social gera na pessoa idosa a sensação de isolamento, o que proporciona o surgimento ou agravamento, tanto de problemas físicos, como psicológicos. A partir das entrevistas percebemos o que Leão, Ferreira *et al* (2020) evidenciam, quando descrevem sobre a importância das redes de relações sociais como elemento propulsor do bem estar físico e psicológico da pessoa idosa. Para os autores, o desligamento da pessoa idosa do mundo social viabiliza danos à saúde e atua como originador de depressão ou solidão.

No que diz respeito à experimentação da solidão, embora não esteja relacionada diretamente ao estar só, as pessoas entrevistadas a associaram principalmente ao fato de se sentir sozinho ou sozinha, e ainda mencionaram que a ocorrência dessa experiência se dá a partir de situações adversas ligadas a perdas, ao abandono e a falta de respeito para com a pessoa idosa. Alves-Ferreira (2011) enfatiza que a solidão ocasiona pelo sentir-se só conduz a pessoa a focar em seus pensamentos negativos o que conduz essa pessoa a um universo de medo e tristeza.

Nessa perspectiva constatamos que a pessoa idosa precisa de companhias que a conduza a momentos apropriados de interação e que promovam o bem estar, a sensação de integração com o meio, tanto social, como ambiental, assim como a oportunidade de expressar sua subjetividade. Reforçamos que estudos relacionados a esse tema em questão são de fundamental relevância para levar à sociedade o conhecimento sobre como as formas de solidão podem se manifestam na pessoa idosa e como podemos auxiliar na construção de uma sociedade comprometida para com esse público.

Esses “achados”, em termos de dados, se vinculam diretamente à minha memória e projeção. Da memória abstraio as muitas vivências em relação aos quais me vinculo pela relação familiar, mas também a tantas outras experiências com as quais convivi ao longo desses anos.

No processo de organização, tratamento e análise dos dados foi possível revisitar vivências e modos de perceber o envelhecimento, de tal maneira que me faz pensar sobre o meu próprio processo de envelhecer. Do mesmo modo que temos necessidade de discutir, dar visibilidade a temas que são raros, sócio culturalmente e histórico político, há que se assumir a necessidade de dar atenção não só aos processos da pessoa idosa contemporânea, mas também em relação a nós mesmos que já estamos nessa jornada sem perceber.

Devem estar na ordem do dia questões relacionadas com o envelhecimento a partir de aspectos de aceitação ou negação, da atribuição a vontade divina, da percepção da chegada das limitações, bem como do cuidado e cuidador que implicam na relação familiar e por fim da solidão a partir da experimentação.

Essa demanda é sempre atual e necessária porque o percurso de envelhecimento inicia à medida que acessamos o plano terreno, portanto, o envelhecer é assunto que não pode se restringir ao universo acadêmico. Envelhecimento, envelhecer é assunto de criança, de adolescente, jovens, adultos e idosos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. 48 f. Disponível em: https://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/metodologia_do_trabalho_científico_1360073105.pdf. Acesso em 04 de abril de 2020.
- Azevedo, P. A. C., & Modesto, C. M. S. (2016). A (re)organização do núcleo de cuidado familiar diante das repercussões da condição crônica por doença cardiovascular.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BETTINELLI, L. A; PORTELLA, M. R. **Humanização da velhice**: reflexões acerca do envelhecimento e do sentido da vida. In: Pessini L, Bertachini L. Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Loyola; 2004.
- BERNARDES, E. L. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. **Cadernos de História da Educação**, nº 4, p 45-54, jan./dez. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRASIL. IBGE. Censo demográfico Castanhal, 2010. Panorama Pará. IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/castanhal/panorama>. Acesso em 30 Ago. 2020.
- BRASIL. IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Pará. IBGE, 2010 Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=15#topo_piramide. Acesso em 30 Ago. 2020.
- CAPITANINI, M. E. S. **Sentimento de solidão, bem estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós**. 2000. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- CAPITANINI, M. E. S. Solidão na velhice: realidade ou mito? *In*: NERI, A. L; FREIRE, S. A. (Orgs). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p 69-80.
- CARVALHO, A. D. Solidão e solidariedade: olhares, sentimentos e perspectivas. *In*: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão, e solidariedade**: entre os laços e as fraturas sociais. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 18-24.
- CARVALHO, A. D.; BAPTISTA, I. Filosofia e pedagogia social: a solidão e os reptos da hospitalidade humana. *In*: PEREIRA, P. C. (org.). **A Filosofia e a Cidade**. Campo das Letras, Porto, Portugal, 2008. p 22-41.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

- CUNHA, Antonio. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.
- DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, vol. 28, núm. 100, p1105-1128, outubro, 2007.
- ERBOLATO, R. M. P. Gostando de si mesmo: a auto-estima. *In*: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. P 33-54.
- FALCÃO, I. S. **O enfrentamento do analfabetismo de mulheres velhas no município de Castanhal, na Amazônia paraense**: A velhice negada e a educação "garantida". 2019. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, 2019.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookmn, 2009c.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREITAS, P. C. B. **Solidão em idosos**: percepção em função da rede social. II Ciclo em Gerontologia Social Aplicada. Centro Regional de Braga-Faculdade de Ciências Sociais. Braga, 2011.
- FURTADO, R. M. M. Da solidão voluntária à solidão partilhada no processo formador. *In*: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão, educação e condição humana**. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 190-193.
- GALLO, S. Entre a <solidão povoada> da educação e a solidariedade do aprender. *In*: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão, educação e condição humana**. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 203-211.
- GOLDFARB, D. C. Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas. *In*: Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo. **Velhices**: reflexões contemporâneas. SESC- PUC, São Paulo, 2006. p 73-85.
- LEÃO, L. R. B.; FERREIRA, V. H. S.; FAUSTINO, A. M. **O idoso e a pandemia do Covid-19**: uma análise de artigos publicados em jornais. *Brazilian Journal of Development*, vol 6, nº 7, p 45123-45142, jul. 2020.
- LEMOS, N. D.; GAZOLLA, J. M.; RAMOS, L. R. Cuidando de paciente com Alzheimer: o impacto da doença no cuidador. *In*: **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.15, p. 170-179, abr de 2006.
- LEMOS, N. F. D. Idosos cuidadores: uma realidade não desvelada. *In*: Mais 60: estudos sobre envelhecimento. Edição do Serviço Social do Comércio (SESC). São Paulo: Sesc São Paulo, v. 29, n. 71, p. 8-25, Dezembro 2018.
- MAMEDE JÚNIOR, W; LIMA, M. S. C. Suicídio: angústia, melancolia, solidão e perda do sentido da vida. *In*: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão e solidariedade**:

entre os laços e as fracturas sociais. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 132-137.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas. 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 9 ed. São Paulo: Atlas. 2017.

MEDEIROS, M. R. S., BORGES, B. E. C., OLIVEIRA, L. P. B. A. AUTONOMIA E Independência: uma visão dos idosos de um Grupo de Convivência Sobre o Envelhecimento ativo. VI congresso.

MELO, D. A. S. Memória, esquecimento e solidão no mundo contemporâneo *In:* CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão e solidariedade: entre os laços e as fracturas sociais.** Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 49-55.

MONDARDO, M. L. Uma caracterização geral do processo de urbanização do sudoeste do Paraná – Brasil. Scripta Nova. Vol. XI, núm. 239. 15 may. 2007.

MONTENEGRO, Rosiran C. de F. Mulheres e Cuidado: responsabilização, sobrecarga e adoecimento. **Anais** do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. UFES, Vitória-ES, 2018. Acesso em 10 de setembro de 2021.

MONTERO, M; LENA, L; SÁNCHEZ-SOSA, J. J. La soledad como fenómeno psicológico: un análisis conceptual. Salud Mental, vol. 24, nº. 1, p 19-27, febrero, 2001.

MORAES, V. Como dizia o poeta. Música (1971). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/vinicius-de-moraes/como-dizia-o-poeta.html>. Acesso em 01 jul. 2021.

MORATELLI, Valmir. Representações do trabalho na velhice: o que nos dizem os idosos de a dona do pedaço? **Revista Albuquerque.** Rio de Janeiro, v. 12, nº 24, jul-dez, p.183-97. 2020.

MOREIRA, Virginia; CALLOU, Virginia. **Fenomenologia da solidão na depressão.** Mental, v. 4, n. 7, p 67-83, 2006.

MOTTA, Alda Britto da. Idade da solidão: a velhice das mulheres. **Revista Feminismos,** v. 6, nº. 2, mai/ago. 2018.

MINAYO, M. C. S. Visão antropológica do envelhecimento humano. *In:* Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo. **Velhices:** reflexões contemporâneas. SESC- PUC, São Paulo, 2006. p 47-58.

NERI, A. L. **Coleção Velhice e Sociedade.** 3 ed. Campinas, SP: Alínea, 2008.

NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia.** 2 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

NETTO, M.P. História da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e temas básicos. In E.V. Freitas., L. Py., A.L. Néri., F.A.X. Cançado., M.L. Gorzoni, M.L. e S.M. Rocha (Eds.), Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1-12, 2002.

PINHO, R. S. Perspectivas espaciais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980). Equatorial, vol. 4, nº 6, p 25-52, jan/jun 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO. **A família e a rede de relação social**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/a-familia-e-a-rede-de-relacao-social/47106>. Acesso em 08 de janeiro de 2021.

TEIXEIRA, L. M. F. **Solidão, depressão e qualidade de vida em idosos**: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2608/1/ulfp037460_tm_tese.pdf. Acesso em 13 out. 2020.

RAMOS, João Batista Santiago. **Por uma Utopia do Humano**. Olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

RAMOS, J. B. S. **Utopia possível** - Uma utopia da solidariedade a partir das vítimas: em torno da ética da libertação de Enrique Dussel. Afrontamento, Porto, Portugal, 2012 (p. 139-145).

RIBEIRO, S. C.; GAMA, I. N.; RAMOS, J. B. S. Solidão e solidariedade na vida das pessoas idosas: das fraturas aos laços de identidade. In: ROCHA, C. J. T.; RAMOS, J. B. S. (Orgs.). **Estudos Antrópicos na Amazônia**: entre textos e contextos interdisciplinares. Coletânea interdisciplinar. 1 ed. Appris, Curitiba, 2020. p 43-55.

RIBEIRO, S. C.; RAMOS, J. B. S. A solidão da pessoa idosa em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e3999108786-e3999108786, 2020.

MORATELLI, Valmir. Representações do trabalho na velhice: o que nos dizem os idosos de a dona do pedaço? **Revista Albuquerque**. Rio de Janeiro, v. 12, nº 24, jul-dez, p.183-97. 2020.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, p. 227-243, 2013.

RÖHR, F. Solidão e solidariedade: reflexões em prol de subsídios para uma teoria da educação. In: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão, educação e condição humana**. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 93-100.

SEIBT, Cezar Luís. Solidão como processo de auto-apropriação. *In*: CARVALHO, A. D. (org.). **Solidão, educação e condição humana**. Afrontamento, Porto, Portugal, 2011. p 55-61.

SANTOS, S. M. A. **Idosos, família e cultura**: um estudo sobre a construção do papel do cuidador. 2 ed. Campinas,SP: Editora Alínea, 2006

ZILMERMAN, G. I. Velhice: aspectos biopsicossociais. São Paulo: Artmed Editora S.A, 2000.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

ENTREVISTAS COM AS PESSOAS IDOSAS

1 - IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____
 COR: _____ IDADE: _____ RELIGIÃO: _____
 ENDEREÇO: _____

2 - NÚCLEO FAMILIAR

ESTADO CIVIL: _____
 QUANTOS FILHOS E NETOS? _____
 COM QUEM MORA? _____

3 - FONTE DE RENDA:

FONTE DE RENDA: _____
 DEPENDENTES: _____

4 - ESCOLARIZAÇÃO

ESTUDOU/ESTUDA ATÉ QUE SÉRIE? _____

ROTEIRO DE QUESTÕES

Entrevista: nº _____ Data da entrevista ___/___/___

Local: _____

Entrevistadora: _____

Participante/pseudônimo: _____

1. Tem alguma pessoa que atua como seu/a cuidador/a? Se sim, como é a relação entre vocês?
2. Como é sua relação com as pessoas com quem mora (família)? Se sente bem ou tem algo lhe incomoda?
3. Como foi ou é, para o (a) senhor (a), lidar com o envelhecimento?
4. Costuma se sentir sozinho ou triste? Se sim, me explique o por quê?
5. O que é a solidão para (a) senhor (a)

ANEXO A**PARECER CONSUBSTANCIAL DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A experiência da solidão na pessoa idosa: um estudo sobre as causas da solidão em idosos do município de Castanhal-Pa

Pesquisador: SIMONE CORREIA RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31748720.5.0000.0018

Instituição Proponente: Campus Universitário de Castanhal

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.059.488

Apresentação do Projeto:

A solidão é um fenômeno que tem sido muito estudado nos últimos tempos e, embora esse evento esteja relacionado à ideia de isolamento, trata-se de uma experiência que se apresenta independentemente dessa concepção de estar só, desacompanhado/a. Se destaca que é comum que a solidão no idoso surja em decorrência da necessidade de adaptação a uma nova realidade associada a novos estilos de vida, o que facilita o aparecimento de sentimentos como angústia, insegurança e medo, além da triste sensação de inutilidade. Esta pesquisa tem sua relevância a partir da proposta de investigar a presença da experiência da solidão na pessoa idosa, considerando as relações sociais e afetivas que marcam seu cotidiano. A pesquisa será realizada no município de Castanhal, nordeste do Pará, com idosos da Casa da Fraternidade, bairro Apeú, a abordagem metodológica junto aos sujeitos da pesquisa (idosos e idosas a partir de 60 anos) será através de observação participante e entrevistas realizadas por meio de um questionário previamente estruturado, cujas questões se direcionarão para as seguintes categorias: experiência de viver longe da família, rede de relações sociais, sentimento de solidão e bem estar. Será feito o uso de gravador de voz, para registro dos dados, como uma forma de amenizar o direcionamento que provoca os questionários através das opções nele expressas, assim os entrevistados poderão falar mais livremente.

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01 - Campus do Guamá, UFPA - Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and. Bairro: Guamá CEP: 66.075-110 UF: PA Município: BELEM Telefone: (91) 3201-7735 Fax.: (91) 3201-8028
E-mail: cepccs@ufpa.br

Continuação do Parecer: 4.059.488

Objetivo da Pesquisa:

Identificar os fatores que influenciam o sentimento de solidão que perpassa no cotidiano da pessoa idosa no município de Castanhal.

Identificar a causa do sentimento de solidão em idosos que convivem na Casa da Fraternidade-Apeú e no GETI-UFPA.

Conhecer a percepção da pessoa idosa a respeito da solidão;

Identificar os fatores que mais afetam o ser humano durante o processo de envelhecimento

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: mínimos, sendo que pode ocorrer do sujeito da pesquisa se sentir desconfortável em responder alguma pergunta.

Benefícios: demonstrar que a humanização na relação entre idoso e grupos familiar e social é fundamental para o aumento da qualidade de vida do idoso

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Que o enfrentamento dos desafios que surgem no decurso do envelhecimento não conduza a pessoa idosa ao isolamento e experiência da solidão ressentida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos apresentados

Recomendações:

Por orientações da CONEP, não estamos exigindo assinaturas de terceiros em documentos neste período de pandemia. Ficando a pesquisadora com o compromisso de resgatar as assinaturas assim que cessar o isolamento social. Precisa assinatura na folha de rosto da instituição proponente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ. Devendo a pesquisadora atender as recomendações constantes neste parecer.

Continuação do Parecer: 4.059.488

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1543037.pdf	21/04/2020 21:06:19		Aceito
Outros	CARTA_ENCAMINHAMENTO_AO_COMMITTEE.pdf	21/04/2020 20:58:28	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Outros	CURRICULO.pdf	21/04/2020 20:56:06	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/04/2020 20:49:44	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_BROCHURA_PESQUISADOR.pdf	21/04/2020 20:46:31	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	21/04/2020 20:41:34	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Outros	DECLARACAO_DE_ISENCAO_DE_ORTODONTUS_FINANCEIRO_A_UFPA.pdf	21/04/2020 20:40:50	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Outros	TERMO_DE_ACEITE_DO_ORIENTADOR.pdf	21/04/2020 20:37:35	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_DANSTITUICAO.pdf	21/04/2020 20:32:44	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	21/04/2020 20:19:37	SIMONE CORREIA RIBEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 30 de Maio de 2020

Assinado por:

**Wallace Raimundo Araújo dos Santos
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01 - Campus do Guamá, UFPA - Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and. Bairro: Guamá CEP: 66.075-110 UF: PA Município: BELEM Telefone: (91) 3201-7735 Fax: (91) 3201-8028 E-mail: cepccs@ufpa.br

APEÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Eu,....., profissão:....., endereço:
.....,RG:, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **A experiência da solidão na pessoa idosa: um estudo sobre as causas da solidão em idosos do município de Castanhal-Pa**, cujos objetivos são: Identificar a causa do sentimento de solidão em idosos que convivem na Casa da Fraternidade-Apeú e no GETI-UFGPA; Conhecer a percepção da pessoa idosa a respeito da solidão e; Identificar os fatores que mais afetam o ser humano durante o processo de envelhecimento.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Fui informado (a) que os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que pode ocorrer de me sentir desconfortável em responder alguma pergunta ou ocorrer vazamento de dados, mas estou consciente que tenho a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para mim.

Estou cômscio (a) que possuo a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar meu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista/coleta de dados, sem qualquer prejuízo.

Pelo presente documento, expresso meu livre desejo de ceder à pesquisadora **Simone Correia Ribeiro**, RG: 3204216, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do meu depoimento, de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador na cidade de Castanhal – PA, gravada em de de, como subsídio à construção de Dissertação para o Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará – UFGPA. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos, o

mencionado depoimento, integralmente ou em partes, editado ou não, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, permito a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor, ficando vinculado o controle a **Simone Correia Ribeiro**, que tem sua guarda.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes sobre a entrevista, subscrevo o presente.

Castanhal, Pará, de de 2020.

Simone Correia Ribeiro

Nome do sujeito da pesquisa

Pesquisador responsável